

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

ISABELLA BERBER KAI

**PERVERSÃO: UM RECORTE TEÓRICO EM FREUD E NA
PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA**

SÃO PAULO

2017

ISABELLA BERBER KAI

PERVERSÃO: UM RECORTE TEÓRICO EM FREUD E NA
PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Trabalho de conclusão do curso de Psicologia na Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do professor doutor Marcos Oreste Colpo.

São Paulo

2017

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por me permitirem estudar na universidade dos meus sonhos e por me ensinarem a não desistir, mas persistir na caminhada rumo aos meus objetivos, mesmo quando esses parecem tão distantes.

Aos meus professores, pelos anos de aprendizagem que me propiciaram. Em especial, à professora Ana Laura, ao meu orientador, Marcos Colpo, e à minha parecerista, Paula Peron, pela sua orientação, disposição, incentivo e amizade, que me proporcionaram enorme crescimento intelectual e pessoal.

Aos meus amigos, pois sem seu carinho, apoio e momentos de distração, essa pesquisa teria sido entregue antes, mas com muito mais dificuldade.

Às minhas irmãs, por seu apoio, carinho e risadas durante toda a elaboração deste trabalho. Obrigada por ser meu porto seguro diante de todas as crises.

Um agradecimento especial a algumas pessoas que marcaram minha trajetória ao longo desses anos de curso. Vocês foram muito importantes não só na minha formação, mas também em minha vida pessoal; não só aguentaram as lágrimas como dividiram os risos e os bolos. Obrigada Gabriel, Maria Regina, Erica e Anne.

RESUMO

Esta pesquisa buscou fazer um recorte teórico sobre o que foi falado sobre perversão na obra de Freud, para em seguida fazer um recorte teórico de psicanalistas contemporâneos, buscando ver como o tema é abordado nos dias atuais. Foram realizados fichamentos dos textos lidos, para que facilitasse a linha de raciocínio e compreensão do tema. Os autores contemporâneos foram selecionados a partir de sua relevância no campo psicanalítico, bem como a profundidade de sua obra sobre o tema, em detrimento de autores que trataram do tema de forma mais ampla. Pudemos observar, durante a pesquisa, três momentos na obra de Freud em que ele falava sobre perversão, sempre muito marcado pela moral vigente na sociedade da época. A perversão nunca chegou a tornar-se uma estrutura na obra de Freud, sendo trabalho de seus contemporâneos classificá-la como tal, e a forma como é vista na clínica hoje mudou pouco em relação à época de Freud, embora novos desenlaces possam ser vistos e, com isso, novas elaborações sobre o tema possam ser feitas. Ressaltamos no trabalho a importância de não se ater à classificação nosográfica, como forma de julgamento, em detrimento ao sofrimento do sujeito que se apresenta diante de nós.

Palavras-chave: Psicanálise, perversão, desejo, estrutura, castração

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
OBJETIVO.....	10
MÉTODO.....	11
Capítulo 1	13
Perversões relativas ao objeto sexual.....	13
Perversões referentes à meta sexual	18
Sobre as perversões	22
Neurose e perversão	24
A sexualidade infantil	25
Transformações da puberdade	29
A moral sexual na sociedade.....	30
Desenvolvimento da libido	32
Considerações Parciais	35
Capítulo 2	37
Considerações Parciais	51
Capítulo 3	55
Considerações Parciais	60
Capítulo 4	64
Considerações Parciais	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	79

INTRODUÇÃO

O termo perversão foi utilizado pela primeira vez em 1444 com o sentido de retornar ou reverter (FERRAZ, p. 22, 2015), e a partir daí, o sentido pejorativo ficou associado à palavra. Somente no século XIX que a medicina acrescentou a perversão ao seu vocabulário, mas como uma degradação moral ou perversão moral. Com a sexologia nesse mesmo século, a palavra perversão ganhou seu caráter de “aberrações sexuais” ou desvio sexual. Assim, a psiquiatria adotou o termo e associou o desvio sexual com a alienação mental e suas variações (FERRAZ, p. 23, 2015), sendo principalmente ligadas às síndromes obsessivas e impulsivas (VALAS, p. 11, 1990). Atualmente, basta dizer “perversão” para associarmos com algo sexual e imoral.

O termo perversão tem sua origem do latim *perversus*, que indicava quem se tornava mau, corrompido e depravado, além de sugerir alguma alteração ou transtorno de função (FERRAZ, p. 24, 2015). Um estudo de Graña (1998, *apud* FERRAZ, 2015) afirma que no latim, o termo “*perversione*” era usado no sentido de “contrário à justiça” ou “inclinado ao mal”, e o termo “*pervertio*” significava algo como “destruir as leis” ou “profanar as coisas ou cerimoniais sagrados”. Na Idade Média, era usado para designar os que abandonavam a religião e os hereges (p. 25).

Somente em 1905, em seu texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, que Freud utiliza o termo perversão pela primeira vez, quando esclarece o termo e divide os tipos de perversões presentes na sexualidade humana:

“As perversões são ou (a) transgressões anatômicas quanto às regiões do corpo destinadas à união sexual [como supervalorização do objeto sexual, uso sexual da mucosa dos lábios e da boca, uso sexual do orifício anal, significação de outras partes do corpo, fetichismo], ou (b) demoras nas relações intermediárias

com o objeto sexual, que normalmente seriam atravessadas com rapidez a caminho do alvo sexual final [como o surgimento de novas intenções, o tocar e o olhar, sadismo e masoquismo]” (FREUD, p. 142, 1905).

Nesse primeiro momento, Freud pensa a perversão como uma condição humana, partindo do pressuposto que todos temos traços perversos, mas apenas alguns de nós o somos patológicos, como em “assim, a extraordinária difusão das perversões força-nos a supor que tampouco a predisposição às perversões é uma particularidade rara, mas deve, antes, fazer parte da constituição que passa por normal” (FREUD, p 162, 1905). A partir da leitura d’*Os três ensaios*, Ceccarelli (2011) esclarece que Freud já via a sexualidade humana como perversa, já que seu objetivo é o prazer e não a procriação. Sendo assim, a partir deste momento a perversão perde seu caráter patológico, uma vez que se torna “normativa” dentro da expressão da sexualidade humana. Pouco depois, fala sobre o comportamento infantil que chamou de perverso-polimorfo, que são os prazeres da criança em relação a qualquer estimulação ou objeto.

Dessa forma, podemos ver que, na sua primeira teoria sobre a perversão, os conceitos ainda estavam embasados na descrição feita pela sexologia do século XIX (FERRAZ, p. 21, 2015), e a psicanálise sofreu diversas críticas por ter se associado a essa área de estudo (FERRAZ, p. 24, 2015).

Freud discursou sobre a perversão em diferentes momentos de sua obra, apresentando o conceito como “uma forma de conduta sexual em que as fantasias ligadas à sexualidade pré-genital eram atuadas e não mantidas sob recalque” (FERRAZ, p. 19, 2015), ou seja, a neurose é o negativo da perversão (FREUD, p. 157, 1905). A partir dos anos 20, elaborou o funcionamento psíquico e as diversas formas de defesa, que “abriu fronteiras fundamentais para que a psicanálise deslanchasse rumo à compreensão de uma série de fenômenos psicopatológicos e clínicos” que se distanciavam da

neurose e da psicose (FERRAZ, p. 21, 2015), dando a oportunidade de pensar a perversão além da sexualidade.

Anos depois, em seu texto *Fetichismo*, Freud (1927) formula o conceito da recusa da castração, que embasa a teorização da escola francesa de psicanálise sobre perversão, que os lacanianos dirão que leva “à fixação do gozo em um objeto imaginário em vez de centrá-lo na função simbólica que organiza o desejo a partir da castração” (CECCARELLI, 2005). Isto é, eles dirão que os perversos negam a castração, que vive em constante provocação ou desafio em relação à lei, saindo da classificação de pervertido sexual (ROUDINESCO e PLON, p. 586, 1998).

Assim, a perversão foi ganhando espaço como diagnóstico possível ao lado da neurose e da psicose, aptos a tratamentos, embora não tenha sido descrita com a mesma precisão destas (FERRAZ, p. 19, 2015). Entretanto, foi só com Lacan e seus discípulos franceses que o termo “perversão” deixou o campo do desvio para se tornar uma estrutura, uma forma de constituição psíquica (ROUDINESCO e PLON, p.586, 1998).

Desta forma, Lacan, em 1962, publicou um artigo onde juntava o mal sadiano (escritor Marquês de Sade, 1740 - 1814) e o bem kantiano (filósofo Immanuel Kant, 1724 – 1804), para apresentar a estrutura perversa como caracterizada “pela vontade do sujeito de se transformar num objeto de gozo oferecido a Deus, tanto ridicularizando a lei quanto por um desejo inconsciente de se anular no mal absoluto e na autoaniquilação” (ROUDINESCO e PLON, p. 586, 1998). Ou seja, mostra como a perversão, em sua forma estrutural, faz com que o sujeito ignore as leis sociais da comunidade e obedeça somente a si próprio e suas pulsões.

Entretanto, foi com as psicanalistas Janine Chasseguet-Smirgel e Joyce McDougall que passamos a compreender um pouco mais sobre o funcionamento perverso, que se constitui em uma sexualidade pré-genital, na qual o bloqueio do acesso à genitalidade se dá pela angústia de castração, além dos mecanismos agressivos de regressão anal, que leva à não-

diferenciação de gênero, reconhecendo a realidade, mas recusando qualquer tipo de diferença sexual (OLIVEIRA, 2008).

Otto Kernberg (1995), na escola americana, diferenciou a estrutura perversa das manifestações de traços perversos dentro de outros diagnósticos psicopatológicos (FERRAZ, p. 19, 2015), dividindo as manifestações da perversão em diversos grupos dentro das organizações psíquicas, e concluiu que o termo “estrutura perversa” são os casos de perversão na organização borderline de personalidade (p. 20).

Na escola kleiniana, a perversão sempre parte de um ponto de vista de uma norma ou de uma patologia, mas sem a ideia de desvio. Deste modo, ela é vista como a manifestação de uma pulsão de morte em estado bruto, sendo o diagnóstico de perversão pendendo para a estrutura psicótica (ROUDINESCO e PLON, p. 586, 1998).

Enfatizando as questões etiológicas, Oliveira (2008) comenta sobre as contribuições de Klein (1935), Winnicott (1971) e Fairbairn (1952), que pensavam a organização da perversão numa fase pré-genital da constituição psíquica, dando ênfase à angústia de castração e dificuldade de identificação com a figura parental. Assim como Freud, os autores remetem à sexualidade infantil que chamou de perverso-polimorfa (que não tem um objeto preferido ou hierarquia nos prazeres, mas funciona num mecanismo de tensão e alívio ou prazer e desprazer, como já explicado antes). A sexualidade infantil, entretanto, não deve ser confundida com a perversão adulta, mesmo que seja o potencial para esta. Ela se apoia na necessidade, é autoerótica e seu objetivo é satisfazer a pulsão parcial, como por exemplo, sugar o seio da mãe para se alimentar (VALAS, p.34, 1997).

O interesse em estudar a perversão na teoria da psicanálise surgiu de uma disciplina eletiva ministrada no quarto semestre de minha graduação, que falava das psicopatologias na psicanálise

contemporânea. Utilizamos apenas uma ou duas aulas para discutir a perversão, e foi o único momento em que pude ter contato com o conceito, que me interessou muito. Chamaram minha atenção os exemplos de uma pessoa perversa; que reconhece a existência da castração e da lei social, mas as recusa; são pessoas que se acham acima de todas as leis, sejam elas criadas pelo homem ou pela natureza. Então, de certa forma, a perversão como estrutura reflete a situação social atual, uma vez que vemos pequenas e grandes transgressões todos os dias, sejam elas em relação à moral, às leis, ao social; o perverso, como já foi dito acima, recusa qualquer tipo de norma ou regra, como se sentisse superior a elas, e cede às suas pulsões. Com base nesta reflexão, despertou-me a curiosidade sobre de onde surgiu o conceito e quais as mudanças que sofreu, dada a concepção das outras áreas sobre ele.

A princípio, gostaria de estudar o conceito e seus desdobramentos dentro da psicanálise, partindo de Freud, passando pelas escolas inglesa, francesa e os contemporâneos. Porém, dada a extensão desse trabalho e o tempo que nos foi dado para concluí-lo, me propus a fazer uma leitura dos artigos de Freud que tratavam sobre a perversão, explanando o que ele abordou sobre o tema, e comparar com a definição e visão de perversão de alguns autores contemporâneos que trataram do tema.

OBJETIVO

Este projeto de pesquisa visa fazer uma pesquisa bibliográfica sobre o termo perversão dentro da abordagem psicanalítica, comparando os quadros teóricos sobre perversão elaborados por Freud e pelos psicanalistas contemporâneos.

MÉTODO

O presente projeto apresenta-se como uma pesquisa exegética qualitativa, já que elucidará o percurso do conceito perversão sob a ótica da psicanálise, através de extensa pesquisa bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica, segundo Marconi e Lakatos (2002, p. 71), não é uma repetição do que já foi escrito, mas permite a exploração do tema sob um novo enfoque. A finalidade deste tipo de metodologia é permitir ao pesquisador entrar em contato com o que já foi dito sobre seu tema (PÁDUA, 2000, p. 52). Para tanto, foi realizado um levantamento de livros, teses, monografias e artigos que falavam a respeito do conceito de perversão em bases online como Scielo e Pepsic, bases de universidades como a Biblioteca Nadir Kfourri da PUC-SP e Dédalus da USP e indicações de professores de psicanálise.

A abordagem e o tipo de pesquisa foram determinados pelo percurso da aluna durante o período da graduação e a relevância do tema, já que a psicanálise tem muito a contribuir para o pensamento contemporâneo, sendo a pesquisa bibliográfica uma alternativa à análise clínica, como ressalta Mezan (1993):

"O objeto de pesquisa, nota-se bem, é aqui constituído por textos, e não por aquilo que se costuma designar como 'material clínico'. Mas trata-se de textos bastantes particulares, na medida em que buscam descrever, conceituar e explicar um universo de fenômenos que, em última instância, remetem à - quando não são diretamente originados pela - situação analítica." (p.54)

De acordo com Violante (2000), a psicanálise é, ao mesmo tempo, uma técnica terapêutica e também um método de investigação do inconsciente, não necessariamente atrelada ao *setting* terapêutico:

"Em suma, a pesquisa em psicanálise efetivada no âmbito da universidade pode ocorrer na clínica, pode dela decorrer, ou pode ocorrer fora da situação analítica, desde que seu objeto de estudo seja passível de ser abordado do ponto de vista da Psicanálise; ainda, pode ser uma pesquisa teórica assim como histórica" (VIOLANTE, 2000, p. 117).

Assim, os textos freudianos foram selecionados de acordo com sua relevância dentro do tema perversão, os quais Freud tratou de seus mecanismos e movimentos psíquicos. Os textos de psicanalistas contemporâneos foram escolhidos de acordo com sua relevância dentro do tema e a indicação de professores da área. Priorizei, nesse trabalho, autores cujos textos possuíam um aprofundamento maior no tema, e um número menor de textos, em detrimento de um número maior de textos, e mais amplos, tanto pela estrutura do trabalho em si, como pelo tempo que nos foi dado para concluí-lo.

Uma vez selecionados os textos, livros e artigos, eles foram classificados em quatro momentos: os três primeiros em Freud, separando os momentos de sua obra que tratam da perversão, e por último os contemporâneos (autores que estudaram ou estudam o tema atualmente).

De cada texto, será feito um fichamento, contendo os principais tópicos abordados e o que foi tratado de perversão, permitindo-me formular um capítulo com os fichamentos, de modo que esclareça para o leitor o percurso da perversão dentro daquele momento da Psicanálise. Ao final, o trabalho contou quatro capítulos principais, além das considerações finais.

Capítulo 1

A perversão em Freud

Primeiro momento

“A extraordinária difusão das perversões forçamos a supor que tampouco a predisposição às perversões é uma particularidade rara, mas deve, antes, fazer parte da constituição que passa por normal”.

Sigmund Freud, 1905

Perversões relativas ao objeto sexual

Freud, em 1905, publicou um estudo sobre a sexualidade humana nas suas mais diversas peculiaridades, desde a infância até a vida adulta. Em sua obra, ele ressalta que a vida sexual dos seres humanos não se limita à genitalidade somente, mas possui um sentido ampliado de tensão e prazer que buscamos e vivemos diariamente em todos os âmbitos de nossa vida. Ele definiu como perversão qualquer manifestação sexual que não tenha o objetivo de procriação, de continuidade da espécie humana. Neste capítulo, abordarei o que Freud ressaltou sobre perversão em sua obra, no século XIX, época vitoriana europeia.

É importante colocar aqui que Freud nos escreveu sobre a perversão em três momentos de sua obra, e em todos eles houve uma reformulação sobre sua forma de pensar em relação a este assunto. Assim, um dos meus objetivos para este capítulo é abordar como Freud iniciou seu pensamento sobre perversão, com o texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905, mas que foi revisitado por ele durante vinte anos, sempre com o intuito de aprimorar o que já havia sido escrito junto com as alterações que fazia no resto de sua obra.

O conceito de perversão, como brevemente abordado na introdução, foi muito influenciado pela sexologia do século XIX; inclusive, é de onde Freud tirou o termo (FERRAZ, 2015, p. 32).

Poderemos ver isso no modo como Freud nos apresenta a perversão, extremamente ligada aos aspectos da vida íntima, escolha de objeto e constituição infantil.

Assim, em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud começa introduzindo o conceito de libido e diferenciando-o do conceito de instinto: os instintos são o que garantem a sobrevivência e perpetuação da espécie, como os animais; por exemplo, quando eles sentem fome ou medo. Já os seres humanos deixaram de priorizar os instintos ao longo da evolução, o que nos garantiu o pensar antes de agir. Seus interesses se expandiram para além do básico da sobrevivência e passaram a criar, e é onde entra a libido: é a energia psíquica que delimita suas preferências, ligando-se a objetos e memórias, fazendo com que os desejemos. Assim, a relação entre instinto sexual e libido funciona da mesma forma: o instinto sexual, nos animais, é a necessidade de perpetuação da espécie, ou seja, os animais se juntam com o objetivo de procriar. A parte da libido que se volta ao âmbito sexual, nos seres humanos, é um dos determinantes em relação ao nosso objeto sexual¹, o modo que se dá essa relação entre sujeito e objeto e a meta sexual², que pode ser ou não a procriação (FREUD, 1905, p. 20)³.

A ideia da pulsão sexual (ou libido) possuía um senso comum dentro da sociedade da época, pois se pensava que os seres humanos eram divididos entre homens e mulheres, e que se uniriam no amor. Entretanto, essa pulsão estaria ausente na infância, surgiria com a puberdade e se expressaria na irresistível atração que um gênero exerce sobre outro, sendo que sua meta

¹ Objeto sexual: É a quem se dirige a libido, por quem sentimos atração sexual. Pode ser uma pessoa, alguma parte do corpo específica ou até mesmo um objeto.

² Meta sexual: O objetivo final do ato sexual que se quer alcançar; pode ser somente a união sexual como a procriação.

³ As indicações assim observadas no texto referem-se às elaborações originais de Sigmund Freud, presentes na sua obra completa e que foram por mim observadas, segundo o meu entendimento, nesse sentido não cabe colocar o texto entre aspas por não reproduzir literalmente os escritos do autor. A data e a página fazem referência ao texto original. Cabe ressaltar que esse recurso será utilizado em todos os capítulos desta pesquisa.

sexual seria a união sexual, ou pelo menos qualquer coisa que os levassem a esse caminho. Todavia, grande foi o choque daquela sociedade quando souberam que nem sempre o objeto sexual de um homem seria a mulher e vice-versa; há homens cujo objeto sexual são outros homens, e o mesmo ocorre com as mulheres. A esse fenômeno, Freud chamou de inversão (FREUD, 1905, p. 21).

A homossexualidade só se encaixa na categoria de perversão que Freud propôs porque a relação sexual não tem como fim a procriação, apenas a união sexual. Dessa forma, Freud diferencia três tipos de inversão: os absolutos, os anígenos e os ocasionais. Os absolutos são os que têm como objeto sexual apenas as pessoas do mesmo gênero, sendo que as pessoas do gênero oposto nunca serão alvo de atração sexual. Os anígenos podem ser atraídos tanto por pessoas de mesmo gênero como por pessoas do gênero oposto; o caráter homossexual não é exclusivo. Por fim, os ocasionais podem tomar uma pessoa do mesmo gênero como objeto sexual e sentir satisfação na relação com ela (FREUD, 1905, p. 22).

Os primeiros médicos que tiveram contato com a inversão pensaram-na como uma degeneração nervosa e, antigamente, atribuía-se o termo “degeneração” a todo tipo de manifestação considerada patológica que não fosse claramente traumática ou infecciosa (FREUD, 1905, p. 24). Porém, Freud nos traz argumentos que impossibilitam incluir a homossexualidade na categoria de degenerados, uma vez que podemos encontrar a inversão em pessoas que não exibem desvios de caráter, ou não tem o desenvolvimento intelectual e ético prejudicado. Também é explicitado no texto que era preciso levar em conta que a homossexualidade é um fenômeno frequente, e o maior número de registros desse tipo de relação se encontrava em grandes civilizações povos que estavam no auge de sua cultura, bem como é uma prática que se encontra em povos primitivos (FREUD, 1905, p. 25).

A homossexualidade também era ligada a um caráter inato, dado que os próprios homossexuais afirmavam veementemente que em nenhum momento a sua libido demonstrou outra tendência (FREUD, 1905, p. 26). Entretanto, Freud rebate dizendo que, provavelmente, aqueles a favor do caráter inato da inversão somente não têm acesso às memórias de sua primeira infância, que foram determinantes para o direcionamento da libido. Assim, podemos pensar que a homossexualidade seria uma forma de o sujeito se organizar e que possivelmente não há um caráter inato para essa escolha sexual (FREUD, 1905, p. 28).

Outra classificação de perversão presente no texto é o que Freud chamou hermafroditismo psíquico, hoje conhecido como bissexual. O hermafroditismo anatômico se dá quando o sujeito reúne características femininas e masculinas nos genitais, e essa diferença poderia ser transposta para o aparelho psíquico, onde a identificação com a figura masculina ou feminina não é clara. Normalmente, esses sujeitos apresentam alguma mudança em atributos psíquicos, pulsões e/ou em traços de caráter que condizem com mudanças naturais para o gênero oposto (FREUD, 1905, p. 30). Essa classificação de bissexualidade se diferencia da inversão anfígena pelo simples motivo de o homossexual anfígeno possui uma ligação mais casual com o gênero oposto, diferentemente de um bissexual, que possui interesses iguais pelos diferentes gêneros.

Apesar de ser muito difícil determinar a origem da homossexualidade, a psicanálise contribuiu para entender parte do mecanismo psíquico de sua gênese, constatando que os futuros invertidos passam, nos primeiros anos da infância (enquanto ainda estão em processo de constituição psíquica), por uma fase intensa e curta de fixação⁴ na figura feminina (principalmente função

⁴ Fixação: É o que designa o modo de inscrição de certos conteúdos representativos, como experiências e fantasias, que persistem no inconsciente e aos quais a pulsão permanece ligada (LAPLANCHE e PONTALIS, 2016, p. 190).

materna⁵). Após sua elaboração, esses sujeitos identificam-se com a mulher e tomam a si próprios como objeto sexual, ou seja, a partir do narcisismo⁶, buscam jovens semelhantes a si mesmos, buscando amar como a mãe os amou. Ademais, a compulsão pelo objeto sexual de mesmo gênero pode ser considerada também como uma intensa evitação da fixação inicial da mulher, apesar de repetirem sempre a situação que os transformou em invertidos, como no trecho a seguir:

“Até o momento a psicanálise não apresentou um esclarecimento completo da origem da inversão, mas desvelou o mecanismo psíquico de sua gênese e enriqueceu consideravelmente a colocação do problema. Em todos os casos investigados, constatamos que os futuros invertidos passam, nos primeiros anos da infância, por uma fase de intensa, mas breve fixação na mulher (geralmente a mãe), e, após superá-la, identificam-se com a mulher e tomam a si próprios como objeto sexual, ou seja, partindo do narcisismo, buscam homens jovens e semelhantes a si mesmos, que querem amar assim como a mãe os amou. Além disso, com frequência vimos que supostos invertidos não eram absolutamente insensíveis ao encanto da mulher, mas continuamente transpunham a excitação por ela despertada para um objeto masculino. Desse modo repetiam, durante toda a vida, o mecanismo pelo qual sua inversão havia surgido. Seu compulsivo anseio pelo homem revelou-se determinado pela incessante fuga da mulher” (FREUD, 1905, p. 34)⁷.

Gostaria de ressaltar que a psicanálise não compartilha da visão de compartimentalizar os homossexuais e bissexuais em uma classe separada de pessoas. A ligação afetiva libidinosa que as pessoas têm umas com as outras não tem papel maior ou menor no que diz respeito ao adoecimento psíquico, mas a liberdade de escolha objetal, independente do gênero, parece ser a atitude a partir da qual se desenvolvem tanto homossexuais como

⁵ Função materna: papel antigamente exercido pela mãe, que envolviam os cuidados de seus filhos. Hoje, na psicanálise, utiliza-se o termo função materna ou Grande Outro, para representar todos aqueles que não são considerados “mãe”, mas cuidam das crianças.

⁶ Narcisismo: Momento da constituição psíquica no qual o sujeito volta sua libido para si mesmo. Também foi usada por Freud para explicar a escolha de objeto homossexual (LAPLANCHE e PONTALIS, 2016, p. 289).

⁷ Nota de rodapé acrescentada por Freud em 1910.

heterossexuais. Para a psicanálise, o comportamento sexual ainda precisa ser estudado mais firmemente, pois é “o resultado de uma série de fatores ainda não apreendidos em seu conjunto, alguns de natureza constitucional, outros, acidental” (FREUD, 1905, p. 34)⁸.

Outro tipo de perversão apresentada são as pessoas que escolhem como objeto sexual as sexualmente imaturas (crianças). Freud nos explica que seria melhor podermos classificar esse tipo de pessoas como doentes mentais, loucos ou perturbados; porém, pela sua experiência, isso não seria possível, uma vez que a experiência mostra pessoas que não têm distúrbios da pulsão sexual diferentes do observado em outras pessoas (FREUD, 1905, p. 38). Uma vez que os impulsos da vida sexual são menos controlados pelas atividades psíquicas superiores, normalmente, quem é mentalmente diferente de uma perspectiva social ou ética, também costuma sê-lo na vida sexual. Porém, muitos outros acompanharam a evolução cultural conforme o resto da sociedade, mas seu ponto fraco continua sendo a sexualidade (FREUD, 1905, p. 39). Além disso, apesar de essa prática ser muito condenada pela nossa sociedade, que prioriza os direitos da infância, já houve e ainda há culturas nas quais essa prática era permitida.

Perversões referentes à meta sexual

Meta sexual normal é a união dos genitais na cópula, que alivia as tensões sexuais e resulta em uma temporária diminuição de energia relativa à pulsão sexual. Entretanto, segundo Freud, mesmo no ato sexual mais normal, podemos notar as características mais primitivas da constituição psíquica e que, se forem desenvolvidas, poderão se tornar as perversões relativas à meta sexual (FREUD, 1905, p. 40).

De acordo com o autor, antes de ocorrer o ato sexual em si, acontecem relações intermediárias com o objeto sexual; caminho

⁸ Nota de rodapé acrescentada por Freud em 1915.

este que levaria rumo à cópula, como o tocar e o olhar, que são as chamadas metas sexuais provisórias. Essas atividades são produtoras de prazer, aumentam a excitação e deveriam durar até a obtenção da meta sexual final (FREUD, 1905, p. 40). Porém, a fixação em alguma dessas fases, principalmente sem que se atinja a meta sexual final, classificaria as perversões.

A realização de alguma dessas metas sexuais provisórias, por si só, não classificaria ninguém como perverso, mas são as atuações de traços perversos provenientes das pulsões parciais⁹. Assim, Freud postula aqui alguns fatores que nos permitem ligar a vida sexual normal às perversões, divididos em duas categorias: a utilização de extensões anatômicas de áreas do corpo para a união sexual e a fixação nas relações intermediárias.

No caso das extensões anatômicas, o sujeito valoriza o corpo de seu objeto sexual, não se limita aos seus genitais, abrangendo todas as sensações que o objeto sexual lhe proporciona. Essa superestimação do objeto sexual acaba incluindo o âmbito psíquico, que se apresenta na forma de falta de julgamento sobre o objeto sexual e suas realizações, ao mesmo tempo em que se submete, sem questionar, aos julgamentos que partem dele (FREUD, 1905, p. 42).

No caso da fixação nas relações intermediárias, o sujeito abre mão do ato final, a união dos genitais, para somente realizar os caminhos parciais como forma de satisfação sexual. Alguns exemplos citados por Freud são a utilização sexual da mucosa dos lábios e boca, quando estes encontram os genitais de uma pessoa; todavia, se ambas as pessoas compartilham de um beijo, não é classificado como perversão; a utilização sexual do orifício anal,

⁹ Pulsões parciais: é o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui constantemente; difere-se de estímulo porque este tem a característica de ser proveniente de fora do corpo. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas são suas fontes e seus alvos (MIJOLLA, 2005, p. 1522).

prática que, como Freud explicita, não é exclusiva de casais homossexuais (FREUD, 1905, p. 44).

Uma associação muito comum quando tratamos de perversões é o fetichismo, que Freud abordou brevemente neste texto. O fetichismo é considerado um substituto inapropriado para o objeto sexual, uma vez que não serve para atingir a meta sexual normal. O substituto pode ser uma parte do corpo que normalmente não é utilizada para fins sexuais, como cabelo ou pé, ou um objeto inanimado que se encontra em relação com a sexualidade da pessoa, como peças de vestuário (FREUD, 1905, p. 45). Os casos de fetichismo precisam que o objeto sexual corresponda a características pré-determinadas para que se alcance a meta sexual normal.

Contudo, certo grau de fetichismo é comum no início do relacionamento, quando há algum grau de paixão, sendo que a meta sexual normal parece ter seu cumprimento impossibilitado por algum motivo. Toda essa condição fetichista se dá a partir da constituição do sujeito; outro modo de isso acontecer é por acidente, provavelmente um medo sexual precoce que se afasta da sexualidade considerada normal e acaba tendo que conseguir algum substituto para ela (FREUD, 1905, p. 46)¹⁰.

Os casos patológicos de fetichismo se desprendem da meta normal, e o objeto fetichista se torna o único objeto sexual do sujeito. A escolha do objeto-fetice pode ser feita através de uma impressão sexual do início da infância, fazendo com que o sujeito busque sempre voltar ao primeiro amor (FREUD, 1905, p. 47).

Há inúmeras situações que dificultam ou adiam a conclusão da meta sexual normal, como impotência, alto custo do objeto sexual, entre outros, que contribuem para tendência de permanecer nos atos sexuais preparatórios (FREUD, 1905, p. 49). Algumas dessas

¹⁰ Nota de rodapé acrescentada por Freud em 1915.

situações serão abordadas aqui se encaixam, em sua maioria, no conjunto de ações nas quais a perversão atua como um traço do aparelho psíquico, que surge como pulsão parcial.

Tocar e olhar são naturais do ser humano, principalmente dentro de uma relação. Sendo assim, ambos não se encaixam no quesito de perversão, a menos que o ato sexual tenha continuidade. Entretanto, Freud nos apresenta algumas situações em que o prazer de olhar se torna perverso: “a) quando se limita exclusivamente aos genitais; b) quando está ligado à superação do nojo (voyeurs: espectadores das funções excretoras); c) quando, em vez de preparar, reprime a meta sexual normal” (FREUD, 1905, p. 50).

A mais conhecida de todas as perversões é a relação que inflige dor ao seu objeto sexual e sua contrapartida, os quais foram nomeados por Krafft-Ebing (apud FREUD, 1905, p. 51) de sadismo e masoquismo, que ressaltam o prazer que o par tem em humilhar e submeter. Alguns autores preferem o termo algolagnia, por chamar mais atenção à relação prazer-dor, prazer que dá pela via da dor. Ambas as nomeações trazem a ideia de ativo e passivo, uma vez que o ativo, normalmente o homem, apresenta mais elementos de agressividade ao subjugar sua parceira, sendo a explicação biológica mais clara se encontra em superar a resistência do objeto sexual além da corte (FREUD, 1905, p. 51). Essa relação entre atividade e passividade é o que faz o sadismo e o masoquismo serem o tipo de perversão mais conhecido, pois é a mesma característica principal de toda atividade sexual (FREUD, 1905, p. 53).

Na concepção do senso comum, o conceito de sadismo é o ativo, o que se satisfaz causando dor ao outro, agindo de forma violenta para com o objeto sexual, subjugando-o e maltratando-o; somente nesse caso extremo é que o sadismo será considerado perversão (FREUD, 1905, p.52). Da mesma forma, o masoquismo

inclui todas as formas de passividade perante o sexo e o objeto sexual, onde se vincula a dor, tanto física como psíquica, vinda do objeto sexual. Sua forma mais extrema, considerada de fato perversão, parece a Freud mais distante da meta sexual normal que seu contrário. É possível acreditar que ele surja mediante uma transformação do sadismo (FREUD, 1905, p. 52).

Essa possível transformação nos apresenta a ideia de uma inversão de papéis, pois as posições ativa e passiva se encontram em todas as pessoas, pois, como já foi dito antes, são características comuns a qualquer relação sexual. Assim, pode-se pensar que, quem sente prazer infligindo dor ao seu objeto sexual, também o sentirá se o sofrimento e dor lhe forem infligidos; um sádico sempre é, em seu interior, um masoquista, e vice-versa, embora um lado seu (ativo ou passivo) esteja mais desenvolvido que o outro, constituindo sua preferência sexual (FREUD, 1905, p. 54).

Em 1924, quando Freud revisita o seu texto, faz algumas considerações acerca do masoquismo. Durante esse período, ele reconheceu um masoquismo primário que estaria ligado à origem das pulsões, e este foi retirado da classificação de perversão (FREUD, 1924, p. 54). Deste masoquismo primário, surgem duas outras formas de masoquismo, o feminino e o moral, que são mais explorados em seu texto de 1924, “O problema econômico do masoquismo” (FREUD, 1905, p. 52)¹¹.

Sobre as perversões

Freud nos traz que os médicos de sua época trataram alguns casos de perversão, principalmente os mais acentuados, e os classificaram como degenerados ou doentes, do mesmo modo que aconteceu com as inversões. Porém, em sua experiência médica, ele constatou que são poucas as vezes em que a extensão sexual

¹¹ Notas de rodapé acrescentadas por Freud em 1924.

não está presente; por inúmeras vezes podem acabar por substituir a meta sexual normal durante um tempo (FREUD, 1905, p. 55). Dado isso, e o fato de que em nenhum indivíduo com meta sexual normal faltaria um traço de perversão, podemos dizer que a perversão possui um caráter universal, ou seja, seria inadequado usar o nome de “perversão” com sentido degenerativo (FREUD, 1905, p. 56).

Apesar disso, algumas perversões se afastam tanto do normal que Freud não pôde deixar de considerá-las patológicas, principalmente nos casos em que as pulsões superam as resistências como nojo, vergonha, dor e horror, e acabam por lamber excrementos e abusar de cadáveres (FREUD, 1905, p. 56). Mas, mesmo nesses casos, não podemos considerar as pessoas como doentes mentais, porque, às vezes, são pessoas que se comportam normalmente em outros âmbitos de sua vida e reservam sua peculiaridade para a vida sexual (FREUD, 1905, p. 56). Com isso, observou-se que, na maioria dos casos, a perversão como traço patológico do sujeito não se encontra na nova meta sexual, mas em sua relação com o normal: se, diante das circunstâncias favoráveis, a perversão não aparece como pré caminho para a meta sexual normal, mas acaba por tomar o lugar deste normal em todas as ocasiões (havendo exclusividade e fixação da perversão), aí que a consideraremos patológica (FREUD, 1905, p. 57).

Ao estudar mais profundamente as perversões, Freud percebeu que a pulsão sexual precisa lutar contra algumas resistências do aparelho psíquico, como o nojo. Essas resistências buscam manter a pulsão dentro dos limites considerados normais, ou seja, aceitos pela sociedade e, quando as resistências se formam antes de a pulsão sexual ganhar força, é muito provável que sejam elas a guiar o desenvolvimento do sujeito (FREUD, 1905, p. 57). Assim, podemos pensar que talvez a pulsão sexual

seja composta de inúmeros elementos que, se não barrados pelas resistências, compõem as perversões (FREUD, 1905, p. 58).

Tais resistências, que permitem o desenvolvimento sexual, como nojo, vergonha e moralidade, podem ser consideradas como algumas das repressões externas que os seres humanos sofreram ao longo do tempo a partir do sedentarismo e convívio em sociedade (FREUD, 1905, p. 58)¹².

Neurose e perversão

Freud traz aqui uma comparação entre a neurose, cujo estudo ajudou a estruturar toda a psicanálise da época, e a perversão, tratada neste texto. Ele esclarece que os sintomas das histéricas não nascem somente por causa da pulsão sexual normal, mas são expressões de pulsões consideradas perversas, como no trecho a seguir:

“A psicanálise mostra que os sintomas não nascem apenas à custa do assim chamado instinto sexual *normal* (ao menos não exclusivamente ou predominantemente), que representam, isto sim, a expressão convertida de instintos que poderíamos denominar *perversos* (no sentido mais amplo), se pudessem manifestar-se diretamente em fantasias e atos, sem serem desviados da consciência. Assim, os sintomas se formam, em parte, à custa da sexualidade *anormal*; a *neurose* é, digamos, o *negativo da perversão*” (FREUD, 1905, p. 63)¹³.

Segundo Freud, as pulsões sexuais geralmente possuem um par oposto que também pode ser atuante. Desta forma, cada perversão que se manifesta na vida sexual tem sua contraparte no inconsciente, que eventualmente também pode se manifestar. Por exemplo, quem tem impulsos sádicos, tem em seu inconsciente algum traço de masoquismo também. Geralmente, nas psiconeuroses mais acentuadas, encontramos traços de inúmeras

¹² Nota de rodapé acrescentada por Freud em 1915.

¹³ Ressalto aqui o que foi dito no começo do capítulo, que quando Freud fala “instinto”, está referindo-se às pulsões. As traduções mais antigas de Freud não fazem a distinção entre os termos.

pulsões perversas com diferentes níveis de desenvolvimento (FREUD, 1905, p. 65).

Dadas as perversões e suas contrapartidas, podemos relacioná-las ao que Freud chamou “pulsões parciais” (FREUD, 1905, p. 66), sendo pulsão uma demarcação entre as fronteiras físicas e psíquicas, ou seja, elas partem de uma área psíquica para excitar alguma parte do corpo, formando as zonas erógenas, que podem ser qualquer órgão dos sentidos (FREUD, 1905, p. 68).

Nas psiconeuroses, há muita excitação psíquica, tanto quanto em qualquer outro sujeito normal; porém, também há grande repressão sexual interna, como restrição da liberdade, inacessibilidade do objeto sexual normal, entre outros. Por isso diz-se que há grande tendência à perversão nas psiconeuroses, pois, se não fosse isso, talvez tais sujeitos permanecessem normais (FREUD, 1905, p. 69).

Freud nos explica que a predisposição às perversões não é rara, pois faz parte do processo de constituição psíquica normal; há algo congênito nela, algo que todos os seres humanos têm em comum, podendo ser enfatizado pelas influências da vida (FREUD, 1905, p. 71). Sendo assim, ele nos explica que o recém-nascido já nasce com pulsões sexuais, que se desenvolvem por algum tempo, até que é interrompida por outros processos de desenvolvimento sexual e particularidades do sujeito (FREUD, 1905, p. 78).

A sexualidade infantil

Como foi dito no parágrafo anterior, todos nascemos com as pulsões sexuais e, sendo o desenvolvimento das pulsões organicamente condicionado, caberá à educação auxiliar na construção de barreiras necessárias para que haja uma convivência em sociedade normal (FREUD, 1905, p. 80). Tais barreiras podem ser construídas através das próprias pulsões sexuais infantis que, em um período de latência, são desviadas do

emprego sexual e dirigidas a outros fins; a este processo, Freud deu o nome de sublimação (FREUD, 1905, p. 80).

A partir do processo de sublimação, podemos pensar que as pulsões sexuais infantis seriam inutilizadas, já que as funções reprodutoras infantis estão adiadas (principal característica do período de latência). Assim, as pulsões tornar-se-iam perversas a partir de zonas erógenas e contribuiriam com o desenvolvimento do sujeito ao despertarem forças psíquicas contrárias, como nojo, vergonha e moral (FREUD, 1905, p. 81).

As zonas erógenas são uma parte da pele ou mucosa onde se sente prazer, caso haja estímulos específicos (FREUD, 1905, p. 87). Existem zonas erógenas predeterminadas, como o ato de chupar os dedos quando bebê. Qualquer outra parte do corpo pode se tornar uma zona erógena; a sensação de prazer depende mais da qualidade do estímulo que o local onde o realizamos (FREUD, 1905, p. 88).

Segundo o autor, a pulsão sexual infantil possui uma meta diferente da dos adultos: gerar prazer por meio da zona erógena escolhida; o bebê precisa ter experimentado essa situação antes para poder reproduzi-la. A necessidade de repetição da satisfação se apresenta de duas formas: a primeira seria na forma de tensão, quase como um desprazer, e a segunda como uma sensação de comichão projetada na zona erógena. Assim, a criança procura substituir a sensação pelo estímulo externo que a anula, gerando a satisfação (FREUD, 1905, p. 89), por exemplo, quando a criança retém a massa fecal, e esta provoque contrações musculares que são aliviadas ao evacuar, estimulando intensamente a mucosa anal. Ele não faz isso ao ser posto sobre o vaso, mas quando ele próprio desejar, tomando controle de seu próprio prazer (FREUD, 1905, p. 91).

Em 1920, Freud traz o trabalho de Lou Andreas-Salomé (1916), que nos mostra porque a atividade anal infantil é

importante para seu desenvolvimento: a criança, nessa época, começa a diferenciar seus impulsos do meio social, ela mesma sai desse mundo para, em seguida, reprimir essa sua possibilidade de prazer. Assim, o prazer anal e suas produções passam a ser símbolo de tudo que é rejeitado (FREUD, 1905, p. 93)¹⁴. Porém, as atividades sexuais dessa zona erógena “são o começo da futura vida sexual ‘normal’” (FREUD, 1905, p. 94).

As atividades sexuais infantis deixam traços inconscientes na memória que determinam o desenvolvimento de sua personalidade e caráter, quando o sujeito permanece sadio, e seus sintomas, se o sujeito se constitui neurótico após a puberdade. Caso este último caso seja o que prevaleça, podemos constatar que o período sexual foi esquecido e suas lembranças conscientes deslocadas (FREUD, 1905, p. 96).

Sabe-se que, durante os primeiros anos da infância, a sexualidade da criança é chamada de perverso-polimorfa, ou seja, sente o mesmo prazer com diferentes práticas, sem hierarquia. Isso ocorre porque as barreiras psíquicas, como nojo, vergonha e moral, ainda não foram instituídas ou estão em construção (FREUD, 1905, p. 98). Dessa forma, “[...] torna-se impossível não reconhecer algo universalmente humano e primordial nessa predisposição uniforme a todas as perversões” (FREUD, 1905, p. 99).

Em 1915, Freud acrescenta algumas seções em seu texto para explicar as organizações pré-genitais como parte do processo constitutivo da vida sexual normal. Assim, ele retoma as características da vida sexual infantil, que é marcada pelo autoerotismo e inúmeras pulsões parciais buscando a obtenção de prazer de forma independente entre si e sem um sistema de hierarquia (FREUD, 1905, p. 107). Após o complexo de castração, ocorre a diferenciação entre os sexos, e os objetos colocados

¹⁴ Nota de rodapé escrita por Freud em 1920.

como substitutos para a falta do pênis são grandes formadores de perversões (FREUD, 1905, p. 104), já que pode ser ocupada por qualquer parte do corpo, sujeitos ou objetos. O resultado de todo esse processo é a vida sexual normal do adulto, na qual o objetivo da união sexual é a reprodução, estando o prazer associado a ela, e as pulsões parciais submetidas ao primado de uma zona erógena (FREUD, 1905, p. 107).

As organizações pré-genitais acontecem quando as zonas genitais ainda não assumiram o papel predominante. A primeira é a oral, cuja meta sexual é a incorporação do objeto, que depois levará ao processo de identificação (FREUD, 1905, p. 108). A segunda é a organização sádico-anal, onde os opostos protagonizam a vida sexual, não como masculino e feminino, mas como ativo e passivo. A atividade é conduzida através do apoderamento, com a contração da musculatura corporal, e a mucosa intestinal se apresenta como órgão estimulado (meta sexual passiva); isso nos mostra como as duas tendências, ativo e passivo, tem seus objetos e metas que não coincidem (FREUD, 1905, p. 109).

Ainda na infância, é realizada constantemente uma escolha de objeto a quem nos dirigimos a fim de atingir nossas metas sexuais, parte característica do desenvolvimento sexual a caminho da puberdade. Assim, o estabelecimento desse primado dos genitais a serviço da reprodução é a última fase percorrida pela organização sexual (FREUD, 1905, p. 110).

Estes meus últimos dois parágrafos foram acrescentados por Freud em seu texto original em 1915, e em 1923 ele traz que fez uma breve alteração no esquema pré-genital: ele acrescentou uma terceira fase, que já pode ser denominada de fase genital, uma vez que mostra um objeto sexual e algum nível de convergência das pulsões parciais para esse objeto, apesar de reconhecer apenas o

genital masculino, por enquanto. A essa fase ele deu o nome de organização fálica (FREUD, 1905, p. 110)¹⁵.

Trabalhamos neste texto as organizações pré-genitais e genitais porque, qualquer disfunção perversa que venha a acontecer no futuro, teve uma passagem pela sexualidade infantil e alguma alteração na relação com o objeto ou resolução das fases. Por isso, durante o período que Freud chamou de organização pré-genital, a pulsão sexual pode tomar uma forma mais agressiva ou mais exibicionista e *voyeurista*. Podemos exemplificar isso como quando as crianças fazem brincadeiras cruéis com colegas ou animais; isso levanta a suspeita de uma intensa atividade sexual precoce a partir das zonas erógenas e, com a ausência da barreira da compaixão ou da empatia, há o perigo de que essa exacerbação das pulsões cruéis continuarem por toda a vida (FREUD, 1905, p. 101).

Transformações da puberdade

É na puberdade que a vida sexual infantil se atualiza, levando à vida sexual adulta definitiva e normal. A pulsão sexual era predominantemente autoerótica, operava a partir de zonas erógenas distintas e as pulsões parciais eram independentes entre si. Agora, a pulsão sexual encontra um objeto sexual, com uma nova meta sexual e todas as pulsões parciais cooperam para alcançá-la. Além disso, as zonas erógenas se subordinam ao primado da zona genital. Nesse momento também ocorre a diferenciação entre os dois sexos, uma vez que o desenvolvimento sexual de ambos diferencia-se enormemente (FREUD, 1905, p. 121).

Como, durante todo o processo de desenvolvimento sexual deve haver reorganizações e novas composições que levarão a complicados mecanismos psíquicos, a não ocorrência desses processos acaba criando distúrbios doentios, gerados por inibições

¹⁵ Nota de rodapé acrescentada por Freud em 1924.

no processo de desenvolvimento (FREUD, 1905, p. 122). Por exemplo, o mecanismo do qual o prazer preliminar faz parte é de grande risco para a meta sexual normal, já que, em alguns processos sexuais preparatórios, o prazer preliminar se torna muito maior que o elemento de tensão, fazendo com que a força motriz, que daria continuidade ao ato sexual, desaparece. Assim, o caminho é encurtado, com a ação preparatória tomando o lugar da meta sexual normal. Segundo Freud nos conta, a precondição para que isso aconteça vem da infância, com algum fator contribuindo para esse ganho de prazer, ou que atuam como uma fixação, no sentido de uma compulsão que incluirá esse tipo de prazer em um novo contexto (FREUD, 1905, p. 127). E é assim que se constituem a maior parte das perversões: uma fixação infantil a um objeto parcial impediu o estabelecimento da primazia da genitalidade, ou seja, da função reprodutora (FREUD, 1908, p. 175).

A moral sexual na sociedade

Em 1908, Freud escreve o artigo “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna” para tratar um pouco mais a fundo da relação entre neurose e a moral sexual vigente da época. Apesar de a neurose não ser o foco deste trabalho, trago aqui alguns pontos relevantes para pensarmos a perversão dentro do momento histórico que Freud vivia.

O autor pensou em três momentos da civilização em relação à evolução da pulsão sexual: o primeiro permite que a pulsão sexual manifeste-se livremente, sem que sejam consideradas as metas da reprodução; o segundo momento é a total repressão de qualquer pulsão sexual, a menos que se tenha o objetivo da reprodução; e o terceiro, que é o que corresponde à meta sexual “civilizada”, é o qual a reprodução é admitida como meta sexual (FREUD, 1908, p. 175).

Deste modo, o sujeito que não consegue suprimir suas pulsões sexuais é considerado criminoso, alguém que não está

inserido nas normas sociais. Entretanto, se o sujeito por acaso for um homem, muito provavelmente ele surgirá como um grande homem (FREUD, 1908, p. 173). Podemos ver, então, que a sociedade da época tinha restrições diferentes a homens e mulheres, uma vez que os homens recebiam sanções mais leves caso houvesse algum tipo de transgressão sexual; isso nos permite pensar que havia uma moral vigente dupla, isto é, diferenciada a partir do gênero do sujeito (FREUD, 1908, p. 169).

Como vimos, o processo de sublimação a qual passam os sujeitos é de grande utilidade no que diz respeito à convivência em sociedade, já que as pulsões sexuais serão redirecionadas para outros objetos que estão dentro da norma. Freud destaca a aptidão que alguns apresentam na sublimação de suas pulsões para a cultura, principalmente perante as exigências e sofrimento que traz o segundo estágio. O destino que dão às suas pulsões depende muito da força destas. Caso a pulsão seja, no geral, fraca, os pervertidos conseguem reprimir as inclinações que os colocam em conflito com as exigências morais da civilização (FREUD, 1908, p. 176).

Quando a pulsão sexual é muito forte, porém pervertida, há duas saídas possíveis: a primeira, na qual Freud não aprofundou nesse texto, é que o sujeito permanece pervertido e sofre as consequências de possuir um desvio nos padrões da sociedade. Na segunda, o sujeito consegue reprimir suas pulsões sexuais pervertidas através da educação e das exigências sociais, mas é uma repressão frustrada. Assim, as pulsões sexuais não são mais expressas como tais, mas expressam-se de formas igualmente nocivas para o sujeito, tornando-as tão inúteis para a sociedade quanto se tivessem atuado suas pulsões (FREUD, 1908, p. 176).

Já os neuróticos, em contrapartida, conseguem efetuar uma aparente supressão de suas pulsões sexuais, cumprindo com as exigências culturais. Por isso eles conseguem colaborar com as

atividades sociais, mesmo que isso exija um enorme esforço e energia de sua parte, o que acaba gerando, segundo Freud, um empobrecimento interno (FREUD, 1908, p. 176). Assim, explica-se Freud (1908),

“defini as neuroses como o ‘negativo’ das perversões porque nas neuroses os impulsos pervertidos, após terem sido reprimidos, manifestam-se a partir da parte inconsciente da mente – porque as neuroses contêm as mesmas tendências, ainda que em estado de ‘repressão’, das perversões positivas” (p. 177).

Assim, podemos ver que, apesar de a sociedade exigir à repressão sexual que não tenha fins reprodutivos, ela também impõe uma moral dupla para homens e mulheres, sendo que aqueles sofrem menos sanções caso haja alguma transgressão. Entretanto, é necessário que todos os sujeitos reprimam suas pulsões sexuais, para que a convivência em sociedade seja possível, uma vez que ela depende das sublimações culturais que a forma.

O adoecimento é característica intrínseca da condição humana, sendo a perversão uma de suas possíveis saídas. O neurótico consegue produzir mais em termos de conteúdos culturais, apesar de que, para isso, precise gastar uma enorme quantidade de energia. Os perversos que conseguem, através da educação, reprimir suas pulsões sexuais, ainda têm dificuldade em manter uma produção cultural suficiente que os mantenha em um âmbito social e acabam adquirindo hábitos pouco saudáveis. Ao final, Freud retoma o grande pensamento que marca a primeira fase da perversão; “a neurose é o negativo da perversão” (FREUD, 1905, p. 155).

Desenvolvimento da libido

Em 1917, Freud ressalta que a conexão da função reprodutiva com a natureza sexual do ser humano é limitada, uma vez que essa última não possui nenhum critério universal que seja conhecido (FREUD, 1917, p. 375), por isso as perversões sexuais

perdem seu caráter psicopatológico e passam a atuar no campo da condição humana. As perversões negam completamente o objetivo da reprodução, o que nos leva a pensar que há algo de sexual em todos os seres humanos, mas que não é genital (FREUD, 1917, p. 376).

O que se destaca da atividade dos pervertidos adultos como sexual é que, independente de quais sejam seus objetivos e metas, “um ato de satisfação pervertida ainda assim terminar em orgasmo completo e emissão de produtos genitais” (FREUD, 1917, p. 376). Dessa forma, por mais que se faça o contraste entre pessoas com atividade sexual normal e os pervertidos, descobriremos que alguns traços de perversão estão presentes na vida das pessoas normais (FREUD, 1917, p. 377). Assim, vamos descobrindo aos poucos que

“a essência das perversões não está na extensão do objetivo sexual, nem na substituição dos genitais, e, mesmo, nem sempre na escolha diferente do objeto, mas sim unicamente na exclusividade com a qual se efetuam esses desvios e em consequência dos quais o ato sexual a serviço do objetivo da reprodução é posto de lado” (FREUD, 1917, p. 377).

Enquanto as ações pervertidas estão inseridas como caminho para a realização do ato sexual normal, elas não são absolutamente perversões, o que acaba diminuindo o espaço entre a sexualidade normal e as perversões, nos levando à conclusão de que a sexualidade normal surgiu de algo que existia antes dela, subordinando as outras classes à primazia do genital (FREUD, 1917, p. 377).

A sexualidade pervertida é muito bem encaminhada: enquanto que a sexualidade normal encaminha todos os seus atos para a genitalidade, a pervertida também se encaminha para um fim, mas um fim outro, de alguma pulsão que predomina dentro dos movimentos psíquicos do sujeito. Sendo assim, a única diferença entre a sexualidade normal e a pervertida adulta é o fim e o fato

que ambas surgiram da sexualidade infantil, onde há uma falta de organização e centralização (FREUD, 1917, p. 378).

Antes do período de latência, a primazia dos genitais já está em preparação no primeiro período da infância, quando ocorre uma breve organização pré-genital. Nessa fase, os principais componentes são os orais e anais; o contraste entre feminino e masculino ainda não desempenha nenhum papel, mas a polaridade ativo-passivo sim, que é a precursora da atividade sexual. O que pode ser apresentado como masculino, a partir do ponto de vista do genital nessa fase, é a presença de uma pulsão de domínio que pode transformar-se em crueldade. As atividades que visam a um fim passivo vinculam-se à zona erógena anal (FREUD, 1917, p. 382).

Após a fase pré-genital da sexualidade infantil, há um ponto de retrocesso no desenvolvimento sexual, que é o período de latência. Não necessariamente a atividade sexual desse período será interrompida, mas grande parte das experiências e impulsos anteriores passam pelo esquecimento, nos tornando estranhos a ela (FREUD, 1917, p. 381).

É importante ressaltar que a função libidinal não emerge como algo pronto nem tem seu desenvolvimento ditado por algo interior ou exterior a si, mas passa por uma série de fases diferentes entre si e que se repetem; o propósito final é sempre “a subordinação de todos os instintos parciais à primazia dos genitais e, com isso, a sujeição da sexualidade à função reprodutiva” (FREUD, 1917, p. 383). Isso se dá através de um trabalho no qual o aparelho psíquico trabalha para abandonar o autoerotismo, substituindo o corpo infantil por algum objeto externo, e unificar os diversos objetos das pulsões separadas e sua substituição por um único objeto (FREUD, 1917, p. 384).

Considerações Parciais

Neste capítulo, pudemos entender como Freud estruturou as perversões em um de seus primeiros textos sobre a vida sexual (lembrando que o termo “sexualidade”, na psicanálise, se expande para além do conceito de genitalidade, mas no sentido de um mecanismo de tensão-prazer que permeia todos os aspectos de nova vida, inclusive a psíquica). Também nos foi apresentada as diferentes formas de perversão na época de Freud, entre 1905 e 1923, na Europa vitoriana conservadora, que muito diferem do que hoje chamamos de perversão.

Vimos que os neuróticos pouco se distanciam das pessoas chamadas “normais”, e por isso podemos comprovar a existência de inclinações a todas as perversões, concluindo que a neurose é o negativo da perversão (FREUD, 1905, p. 155), uma vez que neurótico recalca o que o perverso atua. Dada a frequência com que há inclinações perversas nos seres humanos, podemos supor que há uma predisposição às perversões inerente à condição humana, ou seja, é uma predisposição que acompanha as pulsões sexuais humanas. O resultado perverso ou normal depende das alterações orgânicas e inibições psíquicas formadas durante os primeiros anos de vida do sujeito, em seu processo de constituição (FREUD, 1905, p. 155).

Podemos observar que, como a predisposição é complexa, a pulsão sexual se apresenta em inúmeros fatores que são desintegrados e colocados sob a lente de um microscópio na perversão. Por esse motivo que as perversões são apresentadas ora como inibições, ora como dissociações do desenvolvimento normal (FREUD, 1905, p. 156).

É da condição perverso-polimorfa da sexualidade infantil que o sujeito pode advir. A criança explora o mundo buscando novas formas de prazer; não há preferência nas diferentes formas de satisfação, tudo pode ser tomado como objeto. O chamado caráter

de um sujeito é, em sua maioria, construído a partir de estímulos sexuais libidinizados e fixados desde a infância por pulsões sexuais, combinando-se com as construções adquiridas ao longo do processo de constituição psíquica, destinadas a frear o aparecimento de diversas perversões, como a moral e o mecanismo de sublimação, por exemplo (FREUD, 1905, p. 165). Com isso, neste primeiro momento, podemos pensar que a perversão ocorre a partir da não possibilidade de a corrente sexual genital impor-se perante as demais, deixando o sujeito fixado em uma pulsão parcial (FERRAZ, 2015, p.33).

Também pudemos ver como a moral vigente em uma sociedade em uma determinada época pode influenciar os atos de quem a compõe, principalmente quando há duas morais implícitas. Não nos surpreende, hoje, o número de casos de adoecimento psíquico naquela época, devido à forte repressão sexual (FREUD, 1908, p. 169).

Por fim, observamos que nada de reprodutivo há nas perversões, e que há algo de sexual presente em todos nós que exclui a genitalidade. Assim, o espaço que há entre atividade sexual normal e perversa fica cada vez menor (FREUD, 1917, p. 377), principalmente quando consideramos o fato de que ambas vêm da sexualidade infantil; sua principal diferença se encontra na subjugação (ou não) de todas as pulsões parciais a uma única via principal, a primazia do genital.

Capítulo 2

Freud

Segundo Momento

“Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que se possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão”.

Sigmund Freud, 1905

Neste capítulo, abordaremos o segundo momento da perversão na obra freudiana, passando por dois textos nos quais o tema se destaca. As modificações em relação ao primeiro momento são poucas; no entanto, abre caminho para o terceiro momento, o momento final. Assim, apresento-lhes o texto “Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais” (1919).

Deste modo, Freud inicia seu trabalho contando-nos que há inúmeros casos de pessoas que procuram tratamento para a histeria ou neurose obsessiva que dizem ter abandonado a fantasia de que uma criança é espancada. Tal fantasia produz sensações de prazer e, por isso, produz também vergonha e culpa no sujeito, que com dificuldade e resistência a confessa (FREUD, 1919, p. 195).

Com algum tempo de análise, podemos descobrir que esse tipo de fantasias se forma ainda na infância: não passa dos cinco ou seis anos (FREUD, 1919, p. 195). Os pacientes normalmente atribuíam a fantasia à escola, já que comumente as crianças sendo espancadas estavam, na verdade, sendo punidas por mau comportamento (FREUD, 1919, p. 196). Dessa forma, é de se imaginar que a visão de outra criança sendo espancada na escola seria fonte de prazer semelhante à da fantasia, mas isso não acontecia (FREUD, 1919, p. 196).

É de se imaginar que as fantasias mais simples e primitivas fossem copiadas de livros ou influenciadas pela vida escolar. No entanto, caso fossem copiadas, as fantasias precisariam ter um alto grau de detalhamento para ter as características que as histórias e experiências vividas tinham:

“Quem era a criança que estava sendo espancada? A que estava criando a fantasia, ou uma outra? Era sempre a mesma criança, ou às vezes era uma diferente? Quem estava batendo na criança? Uma pessoa adulta? Se era, quem? Ou a criança imaginava-se a si mesma batendo em outra? Nada do que foi apurado pôde esclarecer todas essas perguntas; apenas a resposta hesitante: ‘Nada mais sei sobre isto: estão espancando uma criança’.” (FREUD, 1919, p. 196).

Esse tipo de fantasia, que permanece por conta da satisfação autoerótica, só pode ser considerada como um traço primário de perversão. No caso, um dos componentes sexuais se desenvolveu a frente dos outros e se tornou prematuramente independente, sofrendo uma fixação que o afastou de processos posteriores de desenvolvimento, apontando-nos aquele sujeito como alguém que está se constituindo de forma anormal. Como foi falado no capítulo anterior, as perversões infantis geralmente não permanecem durante a vida adulta, podem sofrer recalque¹⁶, ser substituídas por formação reativa¹⁷ ou transformarem-se por meio de uma sublimação (FREUD, 1919, p. 197); são partes fundamentais do processo de constituição psíquica do sujeito. Porém, se tais processos não ocorrem, a perversão persiste até a idade adulta. Toda vez que Freud deparou-se com algum tipo de perversão adulta (perversão, fetichismo, inversão), há motivos para acreditar que houve, em algum momento, uma fixação na infância (FREUD, 1919, p. 198).

¹⁶ Recalque: mecanismo de defesa no qual o sujeito procura manter no inconsciente algumas representações ligadas a uma pulsão que não pode ser satisfeita (LAPLANCHE e PONTALIS, 2016, p. 430).

¹⁷ Formação reativa: é um contrainvestimento consciente, onde o objeto visado é o oposto do que se deseja inconscientemente (LAPLANCHE e PONTALIS, 2016, p. 200).

Através de muita pesquisa, descobre-se que a fixação não tem nenhum sinal de força traumática, mas não sabemos por que o impulso se fixa a essas impressões. Entretanto, foi possível buscar um significado no fato de que apresentava-se uma ocasião para a fixação, mesmo que acidental, no componente que se desenvolveu prematuramente e que, mesmo assim, colocava-se em primeiro plano (FREUD, 1919, p. 198). Dessa forma, Freud estuda seis casos para apresentar-nos a fantasia de espancamento e os desenrolares dela na vida psíquica. Porém, ao longo do texto, ele acaba focando mais em seus casos femininos, por serem maioria (quatro, contra dois masculinos).

Tais fantasias de espancamento são uma parte do resto do conteúdo de uma neurose que resiste ao recalçamento, ainda não encontrando lugar adequado em sua estrutura (FREUD, 1919, p. 199). Na infância, ocorre o primeiro despertar da libido, através de experiências reais, que se liga a um objeto; assim, as fantasias que consideramos só se mostram mais ao final desse período, antes do despertar da libido para o mundo. Por isso que podemos pensar na fantasia como tendo um histórico anterior, que atravessou um processo de desenvolvimento, ou que o que se manifesta é um resíduo e não o princípio da manifestação (FREUD, 1919, p. 199).

Dessa forma, para podermos entender melhor o que se passa nas fantasias de espancamento, Freud as divide em três fases. A primeira vem de um período muito inicial da infância, e o que corrobora essa hipótese é a escassez de informações fornecidas pelos pacientes e o fato de que a criança em que estão batendo nunca é a mesma que criou a fantasia, mas qualquer outra criança, sendo a mais frequente um irmão ou irmã, se o tiverem. Sendo assim, a fantasia perde seu caráter masoquista, uma vez que não é ela quem está apanhando. Porém, tampouco podemos chamá-la de sádica, pois a criança não é quem bate em outra criança (FREUD, 1919, p. 200).

A pessoa que bate não tem sua identidade revelada a princípio, tudo que sabemos é que é um adulto. Mais tarde, descobrimos que ele torna-se o pai da menina (FREUD, 1919, p. 200). Dessa forma, a primeira fase fica inteiramente marcada pela frase *“O meu pai está batendo na criança”* (FREUD, 1919, p. 201).

Aqui começam os desenrolares para a próxima fase. A pessoa que bate continua a ser o pai, mas a criança que está apanhando transformou-se em outra: naquela que cria a fantasia. Assim, a fantasia adquire um alto grau de prazer, juntamente com um conteúdo significativo; a frase que marca essa segunda fase é *“Estou sendo espancada pelo meu pai”*, mostrando-nos seu caráter masoquista (FREUD, 1919, p. 201).

Freud salienta a importância da segunda fase, por ser também a mais significativa de todas: *“Pode-se dizer, porém, que, num certo sentido, jamais teve a existência real. Nunca é lembrada, jamais conseguiu tornar-se consciente. É uma construção da análise, mas nem por isso é menos uma necessidade”* (FREUD, 1919, p.201).

Por fim, temos a terceira fase, que mais se assemelha à primeira. Agora, a pessoa que bate nunca é o pai, ou fica indeterminada, ou se torna algum substituto do pai, como um professor. A criança que cria a fantasia não está mais presente; quando questionadas, dizem que estão observando a cena, juntamente com outras crianças. Onde antes não tinha distinção de gênero na criança que apanhava, hoje os meninos são quem apanham com maior frequência nas fantasias de meninas, mas nenhum deles é conhecido por quem cria a fantasia (FREUD, 1919, p.201). Podemos dizer que a principal característica dessa cena, que se liga à cena intermediária, é que a fantasia possui uma forte excitação sexual, que acaba proporcionando um meio para a satisfação masturbatória (FREUD, 1919, p.201).

Contadas as fantasias, podemos observar o conteúdo delas e seus possíveis significados. A análise, quando levada até o estado primitivo da infância, mostra-nos a criança envolvida nas agitações do complexo parental: a menina tinha a afeição fixada ao pai, fez tudo para conquistar seu amor, rivalizando com sua mãe, ao mesmo tempo em que dependia dela. Porém, não é com a mãe que a fantasia de espancamento está ligada; as outras crianças à volta da cena podem representar o amor dos pais que tem que compartilhar. Desse modo, se a criança que apanha é um irmão ou irmã mais novo, ela é odiada por quem cria a fantasia, que atrai para si a parcela de amor que os pais direcionariam ao caçula; essas crianças pensam que ser espancado é sinônimo de privação de amor e, portanto, *“meu pai não ama aquela criança, ama apenas a mim”*. Pois, a criança que cria a fantasia, sendo filha (ou filho) mais velha, se achavam seguras na afeição dos pais, como único objeto de amor deles. Nascendo o irmão mais novo, foram destronados de sua onipotência imaginária, e isso faz com que a ideia de os pais batendo no irmão (ou irmã) seja agradável. Isso se dá na primeira fase, guiada pelos interesses egoístas da criança (FREUD, 1919, p. 202).

Nesse momento, Freud coloca a dúvida se a fantasia é puramente sexual ou se há algo de sádico. Ele discorre pelo assunto e chega à conclusão que, não é necessariamente nem uma nem outra; são apenas algo que pode dar início a esses impulsos depois. De qualquer forma, não há evidências de que a fantasia, a essa altura, esteja a serviço dos genitais e encontra saídas masturbatórias, mas a vida sexual da criança já atingiu a fase de organização genital uma vez que já escolheu seus objetos de amor; são apenas alguns indicativos do que serão seus objetos finais que governarão a tendência libidinal desse sujeito (FREUD, 1919, p. 203).

É muito provável que esses casos de amor passem porque as crianças entraram em uma nova fase de desenvolvimento na qual

são obrigadas a recalcar uma escolha de objeto incestuosa. O processo de recalque acaba gerando culpa, provavelmente por causa dos desejos incestuosos que persistem no inconsciente (FREUD, 1919, p. 204).

A fantasia do período de amor incestuoso (primeira fase) dizia: *“Meu pai ama somente a mim, não à outra criança, pois está batendo nela”*. A culpa a faz inverter a frase, passando-a para a segunda fase: *“‘Não, ele não ama você, pois está batendo em você’*. Desse modo, a fantasia da segunda fase, a de ser espancada pelo pai, é uma expressão direta do sentimento de culpa da menina, ao qual seu amor pelo pai sucumbiu agora” (FREUD, 1919, p. 204). Assim, a fantasia torna-se masoquista, embora não seja o conteúdo total do masoquismo. O sentimento de culpa, que normalmente é o que transforma o sadismo em masoquismo, não pode ter transformado a fantasia sozinho; uma parte deve-se ao impulso de amor (FREUD, 1919, p. 204).

Nesse momento, Freud nos lembra de que se trata de crianças com um componente sádico que se desenvolveu prematuramente e à frente das demais pulsões. São essas crianças que acham fácil retornar à fase anal-sádica da vida sexual, pois,

“a organização genital, que mal conseguiu firmar-se, defronta-se com repressão, a consequência não é apenas a de que toda representação psíquica do amor incestuoso torna-se inconsciente, ou permanece inconsciente, mas existe também outro resultado: um rebaixamento regressivo da própria organização genital para um nível mais baixo” (FREUD, 1919, p. 204).

O que deveria representar um sentido genital, *“meu pai me ama”*, acaba, com o mecanismo de regressão, convertendo-se em *“estou sendo espancada pelo meu pai”*; o amor espancado é uma aglutinação da culpa e do amor sexual. Não é o castigo pela relação genital proibida (incestuosa), mas o substituto da relação, de onde se deriva a excitação libidinal que se liga a fantasia a

partir daí e que encontra vazão por atos masturbatórios (FREUD, 1919, p. 205). Essa segunda fase permanece inconsciente, muito provavelmente por causa da intensidade do recalque.

Nos casos em que o menino cria a fantasia, e ela se converte na fantasia masoquista correspondente, ocorreu uma inversão a mais do que no caso da menina, uma vez que ele sai da posição ativa para a passiva, o que pode impedir a fantasia de permanecer inconsciente por causa do recalque. Assim, o sentimento de culpa seria satisfeito pela regressão, no lugar do recalque. Nos casos femininos, o sentimento de culpa só poderia ser apaziguado por uma combinação dos processos de regressão e recalque (FREUD, 1919, p. 205).

A terceira fase da fantasia de espancamento é a mais familiar e comum, quando a criança aparece como uma espectadora e a figura paterna persiste na forma de um professor ou qualquer outra autoridade. Mais uma vez, a fantasia parece ter se tornado sádica (FREUD, 1919, p. 206). Na frase “*O meu pai está batendo na criança, ele só ama a mim*”, o destaque fica somente na primeira parte, enquanto que a segunda sofreu recalque. Apenas essa terceira fase pode ser considerada sádica, já que todas as crianças que apanham são substitutas daquela que cria a fantasia (FREUD, 1919, p. 206).

Com tudo o que foi colocado, podemos pensar agora a origem das perversões. O que se destacou no artigo foi o desenvolvimento prematuro de um único componente sexual. Entretanto, enfatizo que “a perversão não é mais um fato isolado na vida sexual da criança, mas encontra o seu lugar entre os processos típicos, para não dizer normais, de desenvolvimento que nos são familiares” (FREUD, 1919, p. 207). A fantasia tem relação com o processo constitutivo denominado complexo de Édipo, aparecendo na fantasia os aspectos que envolvem a criança com o seu objeto de amor incestuoso, até a dissolução do complexo, quando a criança

recalca partes da fantasia e fica com o sentimento de culpa (FREUD, 1919, p. 207).

O desenvolvimento de uma perversão na infância pode ser a base para uma perversão na vida adulta, embora não seja a regra, uma vez que a perversão pode ser interrompida e o desenvolvimento sexual normal fluir. É de se pensar que as perversões infantis fossem desencadeadas a partir do complexo de Édipo, uma vez que, através de dados de anamnese, todos os pervertidos, fetichistas e invertidos tiveram sua primeira experiência em um período anterior ao sexto ano de vida; como resíduos de um complexo que se dissolveu e deixou suas marcas (FREUD, 1919, p. 208).

Com esse artigo, também pudemos esclarecer alguns aspectos referentes ao masoquismo, como o processo de transformação do sadismo em masoquismo devido ao sentimento de culpa proveniente do recalque. Tal mecanismo de recalque também possui três modos de operação essenciais para nossa compreensão das fantasias de espancamento e a origem das perversões, sendo eles: “torna inconscientes as consequências da organização genital, obriga essa organização a regredir ao anterior estágio sádico-anal e transforma o sadismo desse estágio em masoquismo, que é passivo e novamente, num certo sentido, narcísico” (FREUD, 1919, p. 209).

A fantasia na qual a criança é espancada pela mãe não é uma fantasia primitiva, quer seja consciente ou venha a sê-lo; ela possui um estágio anterior que é estar sendo espancado pelo pai (FREUD, 1919, p. 213). Na fantasia masculina, o “ser espancado” também significa “ser amado”, mas em um nível inferior por causa da regressão. A forma original da fantasia masculina não é “*estou sendo espancado pelo meu pai*”, mas anterior a isso, seria “*sou amado pelo meu pai*”. A fantasia, que acaba se tornando consciente, vem com a modificação “*estou sendo espancado pela*

minha mãe". Portanto, a fantasia de espancamento masculina começa passiva, numa atitude feminina, em relação ao pai; corresponde ao complexo de Édipo tal como a fantasia feminina (FREUD, 1919, p. 213).

Na situação da menina, a fantasia masoquista inconsciente parte da atitude edipiana normal, enquanto que na do menino, parte da atitude invertida, na qual o pai é tomado como objeto de amor. A fantasia da menina ainda tem uma fase preliminar (a primeira fase), no qual o espancamento não tem significado especial e é elaborada em vista de ciúme. Na transição de fantasia inconsciente para consciente (terceira fase), a menina mantém a figura do pai, conservando o gênero da pessoa que bate, mas muda a figura e o gênero da pessoa que apanha. (FREUD, 1919, p. 213). Ambos esses aspectos estão ausentes no caso do menino, embora possamos observar que na transição para a fantasia consciente (terceira fase), o menino modifica a figura e o gênero da pessoa que bate, colocando a mãe no lugar do pai, mas mantendo sua própria figura como criança que apanha, o que resulta numa diferença entre os gêneros da pessoa que bate e da que apanha, tal qual como na fantasia feminina (FREUD, 1919, p. 213).

No caso da menina, o que antes era uma situação passiva masoquista, transforma-se em sádica por meio do recalque e quase apaga a identidade sexual da cena. Depois, transforma-se em homem sem, no entanto, tornar-se ativa, para em seguida tornar-se nada mais que um espectador que assiste aos fatos que tomam o lugar de ato sexual. No caso do menino, a situação permanece masoquista, mostrando maior semelhança com a fantasia original e seu significado genital, uma vez que há a diferença no gênero da pessoa que bate e a que apanha. O menino burla a homossexualidade ao recalcar e remodelar a fantasia inconsciente, e esta retorna com uma escolha de objeto heterossexual (FREUD, 1919, p. 213).

Como já foi dito no capítulo anterior, os processos mentais são orientados em uma relação de prazer-desprazer que o corpo busca sempre equilibrar. A isso chamamos de Princípio de Prazer, onde, justamente, o aparelho psíquico busca evitar o desprazer e buscar a obtenção deste. Entretanto, se fosse o caso, o masoquismo não teria lugar para atuar nos sujeitos. Assim, se o sofrimento e o desprazer são objetivos da libido, e não advertências, o Princípio de Prazer é paralisado (FREUD, 1924, p. 177). Desse modo, Freud escreve o artigo “O problema econômico do masoquismo” em 1924 para explicar o masoquismo e seu funcionamento dentro do aparelho psíquico, marcando também, junto com “Uma criança é espancada” (1919), o segundo momento da perversão em Freud.

Vale ressaltar que o masoquismo não necessariamente procede para o seu correspondente, o sadismo. Porém, no caso em que o Princípio de Prazer não está à frente de nossa vida, precisamos investigar o relacionamento deste com nossas duas classes de pulsão, as de morte e as eróticas (libido) (FREUD, 1924, p. 177). Como o aparelho psíquico busca estabilidade, pensamos que ele busca reduzir a nada ou manter a soma de excitação em baixa, a que demos o nome de Princípio de Nirvana. Assim, todo o desprazer coincide com uma elevação da tensão mental e todo prazer com um rebaixamento desta, sendo que o Princípio de Nirvana estaria inteiramente a serviço das pulsões de morte, “cujo objetivo é conduzir a inquietação da vida para a estabilidade do estado inorgânico, e teria a função de fornecer advertências contra as exigências dos instintos de vida – a libido – que tentam perturbar o curso pretendido da vida” (FREUD, 1924, p. 177).

Há três princípios que governam nossa vida psíquica: o Princípio de Prazer representa as exigências da libido, o Princípio de Nirvana representa a tendência da pulsão de morte, e o Princípio de Realidade representa a influência do mundo externo;

nenhum dos três princípios exclui o outro, todos atuam em conjunto na vida do sujeito (FREUD, 1924, p. 178).

Dada essa introdução, podemos pensar o masoquismo. Ele se apresenta a nós sob três formas: “como condição imposta à excitação sexual, como expressão da natureza feminina e como norma de comportamento” (FREUD, 1924, p. 179). Assim, podemos pensar em um masoquismo erógeno, um masoquismo feminino e um masoquismo moral (FREUD, 1924, p. 179).

A primeira forma de masoquismo, o erógeno, que é o prazer no sofrimento, também serve de pano de fundo para as outras duas formas. Freud relata que ele tem sua base em linhas biológicas e permanece incompreensível até o momento. A segunda forma, o feminino, é o mais acessível às observações analíticas e o menos problemático. A terceira, o moral, é de certa forma, a mais importante para o masoquismo, já que a psicanálise a vê como uma forma de culpa inconsciente (FREUD, 1924, p. 179).

Nos homens, o masoquismo apresenta-se através de fantasias que acabam em um ato de masturbação ou representam satisfação sexual em si próprias: os desempenhos da vida real se relacionam com essas fantasias, quer elas sejam ou não realizadas com o objetivo de ter um fim em si mesmas ou para induzir potência e conduzir ao ato sexual. O conteúdo manifesto envolve ser, de alguma forma, maltratado (como ser amarrado, espancado, amordaçado), apesar de que raramente ocorram mutilações. A primeira ideia que nos vêm, ao nos depararmos com um caso desses, é que o masoquista deseja ser tratado como uma criança desamparada, mas travessa. Entretanto, as oportunidades que se teve para estudar casos de fantasias masoquistas mostraram que elas colocam o sujeito em uma posição caracteristicamente feminina: ser castrado, copulado ou dar à luz a um bebê (FREUD, 1924, p. 179).

Geralmente o instinto de autopreservação garante que nada ocorra com os órgãos genitais ou os olhos nas fantasias, pois representaria a castração (ou seu representante, a cegueira). Um sentimento de culpa perpassa o conteúdo manifesto das fantasias masoquistas, pois o sujeito acredita que cometeu algum crime ou burlou alguma regra, seja lá qual for, e ele será descoberto através dos métodos dolorosos e atormentadores. O conteúdo latente da fantasia masoquista é a masturbação infantil (FREUD, 1924, p. 180), que a princípio parece ser algo que a criança está fazendo de errado, por isso guarda segredo, para depois acreditar que será severamente punida pelos seus atos. Por outro lado, o fator de culpa acaba abrindo a transição para a fase moral do masoquismo (FREUD, 1924, p. 180).

Freud relata perceber que há uma ocorrência de excitação libidinal simpática quando há tensão relacionada com desprazer e sofrimento, que na verdade seria um mecanismo fisiológico infantil que, mais tarde, para de funcionar. Essa tensão atinge um grau variável de desenvolvimento em variadas constituições sexuais, mas mesmo assim dá a base para que um masoquismo erógeno se constitua posteriormente (FREUD, 1924, p. 181).

Freud diz que, em vários organismos, a pulsão de morte dominante procura “desintegrar” o sujeito e conduzir cada pedaço dele a um estado de estabilidade inorgânica. Assim, a libido tem a função de defender o sujeito dessa ação, tornando inócua a pulsão destruidora e direcionando essa energia ao mundo externo. Acontece que parte dessa pulsão acaba se dirigindo à função sexual, tornando-se o sadismo propriamente dito. Porém, parte dessa energia continua dentro do aparelho psíquico do sujeito e, com ajuda da excitação sexual do sadismo, ela fica libidinalmente presa, tornando-se o masoquismo original erógeno (FREUD, 1924, p. 181). Dessa forma, pode-se dizer que a pulsão de morte operante no próprio organismo (o sadismo primário) é idêntica ao masoquismo, pois após grande parte ter sido colocada para fora,

nos objetos, o que ficou como resíduo é agregado à libido e tem como objeto o eu (FREUD, 1924, p. 182).

Algumas vezes, o sadismo, que antes era direcionado para fora do sujeito, pode ser mais uma vez introjetado, regredindo à sua situação anterior. Caso isso ocorra, produz-se um masoquismo secundário, acrescentado ao masoquismo original (FREUD, 1924, p. 182).

Na terceira forma de masoquismo, o moral, é notório seu distanciamento da condição sexual, uma vez que todos os sofrimentos masoquistas levam consigo “a condição de que emanem da pessoa amada e sejam tolerados à ordem da pessoa”, exceto no masoquismo moral (FREUD, 1924, p. 183). Nele, o próprio sofrimento é o que importa, independente a quem ele se dirige ou de quem ele o recebe. Sendo assim, Freud nos garante que seria muito simples explicar esse funcionamento dizendo que a libido saiu de cena e a pulsão destrutiva voltou a atuar contra o eu. Todavia, ainda há uma vinculação entre essa forma de conduta e o erotismo, permitindo-nos chamar de masoquistas esses ofensores de si próprios (FREUD, 1924, p. 183).

Focando um pouco na técnica terapêutica dessas pessoas, cujo masoquismo está em sua forma patológica mais extrema, vemos que há um sentimento de culpa inconsciente muito grande presente nesses sujeitos. A satisfação desse sentimento de culpa é, talvez, segundo Freud, o ponto de maior resistência contra a doença, que se recusa a ceder ao estado de enfermidade (FREUD, 1924, p. 183). Durante tal processo de análise, pôde-se observar a ligação entre o masoquismo e o complexo de Édipo. Não nos aprofundaremos muito nesse assunto, porém, podemos pensar que o masoquismo é inconsciente e, portanto, sua culpa também o é, podendo significar uma necessidade de punição às mãos de um poder paterno (FREUD, 1924, p. 186). Dado isso, podemos concluir que o desejo de ser espancado pelo pai, tão frequente em

fantasias, se aproxima muito de outro desejo, que é o de ter uma relação sexual passiva (feminina) com ele, constituindo apenas uma deformação regressiva desse último desejo (FREUD, 1924, p. 186).

É verdade que um sujeito pode ter preservado a totalidade de seu senso ético ao lado de seu masoquismo. Entretanto, também pode acontecer de seu senso ético ter sido extinto em seu masoquismo. Este cria a tentação de efetuar ações pecaminosas que são punidas pelas censuras da consciência sádica ou ser castigado pelo poder parental. Tentando provocar a reação desse representante dos pais, o masoquista acaba agindo “contra seus próprios interesses, arruinando as perspectivas que se abrem para ele no mundo real e, talvez, destruindo sua própria existência real” (FREUD, 1924, p. 187).

O sadismo que se volta contra o eu é mais comumente encontrado em situações onde o sujeito sofre uma grande supressão cultural de suas pulsões, impedindo que tais pulsões destrutivas sejam atuadas na vida do sujeito. Freud nos diz que podemos supor que essa parte da pulsão destrutiva que se retirou aparece no Eu¹⁸ como uma intensificação do masoquismo. Os fenômenos da consciência levam-nos a inferir que a destrutividade que vem do mundo externo também é assumida pelo Supereu, aumentando o sadismo contra o Eu (FREUD, 1924, p. 187). Somente dessa forma podemos compreender como a supressão de uma pulsão pode resultar em culpa, tornando a consciência mais severa e sensível quanto mais se abstém da agressão contra os outros (FREUD, 1924, p. 187).

A primeira renúncia instintual é sempre forçada por forças externas, e é o que dá origem ao senso ético; é algo que se

¹⁸ Eu, Supereu, Isso: Instâncias psíquicas postuladas por Freud em sua segunda teoria do aparelho psíquico. O Eu corresponde ao mediador das duas instâncias, encarregado dos interesses da totalidade da pessoa. O Supereu corresponde ao órgão que realiza os julgamentos morais e censura. Por fim, o Isso corresponde ao polo pulsional da personalidade (LAPLANCHE e PONTALIS, 2016, p. 124, 219, 497).

expressa na consciência e exige uma renúncia posterior à pulsão. Assim, o masoquismo moral se torna uma evidência da existência de uma fusão das pulsões, uma vez que ele [o masoquismo] se origina da pulsão de morte, correspondente à parte que escapou de ser voltado para os objetos externos como pulsão de destruição. Por isso podemos pensar que o masoquismo moral também possui algo de erótico, já que a própria destruição de si mesmo não pode acontecer se não houver uma satisfação libidinal (FREUD, 1924, p. 188).

Considerações Parciais

Nesse capítulo, abordamos o segundo momento da perversão em Freud, que passa a deixar de lado o pensamento de que as perversões são toda forma de alívio das tensões para obtenção de prazer, salvo os casos em que se tem como objetivo a procriação, para começar a elaborar as perversões como algo simbólico e significativo na vida dos sujeitos. Aqui, começa a aparecer a complexidade das fantasias sexuais que, na verdade, são mecanismos de amor incestuoso, identificação, atuação e culpa ocorridos durante o complexo de Édipo, o que permitiu pensar as perversões como estruturas elaboradas (FERRAZ, 2015, p. 38).

Em 1919, Freud postulou que as fantasias onde crianças eram espancadas vinham de um traço primário de perversão que gerava uma satisfação autoerótica, uma vez que um traço pulsional sexual se desenvolveu à frente dos demais e fixou-se em detrimento dos outros (FREUD, 1919, p. 197). Assim, ele foca em casos de sujeitos femininos (porque eram maioria e de maior clareza clínica) para explicar as fantasias e divide três momentos em que a fantasia se mostra.

O primeiro momento é marcado pelo pai da pessoa que fantasia, que bate em uma criança, que nunca é a própria pessoa. Essa fase não tem caráter masoquista, pois não é ela quem apanha, mas também não tem nenhum componente sádico, pois

não é ela quem bate em outra criança (FREUD, 1919, p. 200). Aqui, podemos analisar o momento edipiano em que a pessoa que fantasia se encontra, uma vez que traz traços muito primitivos de sua onipotência imaginária infantil; o pai bate naquela criança porque não a ama, ama somente a quem cria a fantasia. Nesse momento, também, a criança já escolheu seus objetos de amor, ainda que não haja saídas masturbatórias. Os pontos principais desse momento da fantasia são a potencialidade de tornar-se algo que pode dar início aos impulsos sexuais ou sádicos mais tarde, e a necessidade de recalcar um objeto de amor incestuoso, que acaba gerando culpa por causa dos desejos que persistem no inconsciente (FREUD, 1919, p. 203).

No segundo momento, a pessoa que bate continua sendo o pai, mas a criança é ela própria que cria a fantasia. Freud ressalta a importância dessa segunda fase, por ser a mais simbólica, uma vez que, sem análise, essa fase da fantasia nunca viria à consciência (FREUD, 1919, p. 201). O sentimento de culpa é a força motriz da fantasia nesse momento, já que no inconsciente, a criança é desejosa dos pais, fazendo com ela pense conscientemente que o pai não a ama e, por isso, bate nela. Essa fantasia também traz aspectos de amor, pois substitui a relação incestuosa não permitida pela cultura (FREUD, 1919, p. 204).

Por último, temos a terceira fase, em que a pessoa que bate deixa de ser o pai, mas torna-se um substituto dele, como um professor ou qualquer figura de autoridade, e a criança que apanha não é mais a criança que cria a fantasia, mas qualquer outra criança, desde que seja do sexo oposto. Também há um adicional nessa cena, que é a plateia, ou seja, outras crianças assistem à cena (FREUD, 1919, p. 201). Aqui, a criança que apanha é um claro substituto daquela que cria a fantasia. O componente sádico também fica evidente, pois a criança que criou a fantasia assiste à cena, que encontra meios de vazão masturbatória (FREUD, 1919, p. 206).

A partir das fantasias, podemos pensar no masoquismo. Ele possui três formas, sendo que a primeira é a mais básica, que é o masoquismo erógeno; a segunda é o masoquismo feminino e a terceira o masoquismo moral (FREUD, 1924, p. 179). A primeira forma serve de base para as outras duas, pois é o prazer no sofrimento. O conteúdo manifesto desse tipo de fantasia masoquista envolve ser amarrado, amordaçado, espancado; o que podemos ver nesse tipo de fantasia é a castração¹⁹, juntamente com a posição feminina de passividade. O sujeito pensa que burlou alguma regra e que a verdade será descoberta através desses meios de tortura (FREUD, 1924, p. 180). A segunda é a forma de mais fácil observação e o menos problemático (vale ressaltar que essa forma de masoquismo – o feminino – recebeu essa classificação por ser marcado pela época conservadora em que Freud escreveu esse texto).

A terceira forma, e provavelmente mais importante para o entendimento do masoquismo, é a moral, derivada da culpa inconsciente, onde o que importa é o sofrimento em si. Aqui, podemos ver a atuação da libido e da pulsão de morte, pois esta busca desintegrar o sujeito até que todas suas tensões estejam estabilizadas, enquanto aquela busca defender o sujeito, jogando parte dessa pulsão destruidora para fora do corpo, nos objetos externos. Todavia, parte dessa pulsão ainda fica presente no aparelho psíquico do sujeito, e é incorporada pela libido, fazendo que ela se volte contra o próprio eu (FREUD, 1924, p. 182). O sentimento de culpa é muito presente, pois, como vimos no texto anterior, o amor incestuoso da criança pelos pais é recalcado e continua atuando no inconsciente. Além disso, as práticas masturbatórias, até então proibidas, fazem com que a criança acredite que esteja fazendo algo de muito errado e imoral e, por

¹⁹ Castração: sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança quando se depara com a diferença anatômica entre os sexos (ROUDINESCO e PLON, 1998).

isso, será severamente punida, gerando um sentimento de culpa ainda maior.

O sadismo moral também é muito encontrado em culturas onde há grande repressão do sujeito, impedindo que elas sejam atuadas no mundo externo, fazendo com que o sujeito volte essas ações para si próprio. Com isso, podemos concluir que o masoquismo moral é prova de que há uma fusão entre a pulsão de morte e a libido, e isso também possui algo de erógeno, já que a tentativa de destruição de si mesmo não pode ocorrer sem que haja enorme carga de prazer (FREUD, 1924, p. 188).

Continuamos a ressaltar aqui que é normal ao desenvolvimento infantil a presença das perversões, pois é através da experimentação e das fantasias que a criança vai constituindo o seu aparelho psíquico. Por isso, não necessariamente uma criança que sofreu algum tipo de fixação na infância se tornará perversa quando adulto; há inúmeras possibilidades de defesa contra essa fixação que impediriam a consolidação perversa no sujeito.

Nessa fase, Freud retoma muito o complexo de Édipo como formador de neuroses e perversões. O masoquismo questiona a diferenciação sexual (entre os gêneros) para o aparelho psíquico, pois os processos que se são desencadeados mudam de acordo com o gênero e as identificações ocorridas na infância (FERRAZ, 2015, p. 40). A atuação das pulsões de morte e de vida (libido) também foi muito explorada para explicar o masoquismo, sua constituição no aparelho psíquico e a relação com as fantasias.

Capítulo 3

Freud

Terceiro Momento

“Defrontados com as dificuldades de sermos humanos, bem como com os conflitos inconscientes de nossos pais, todos nós temos de inventar meios de sobreviver, tanto como indivíduos quanto como seres sexuais - e as soluções que encontramos tendem a durar a vida inteira”.

Joyce McDougall, 1997

Neste terceiro capítulo, abordaremos a fase final de Freud em relação à perversão; como construiu o mecanismo de defesa e o movimento que o conceito fez, saindo da posição de “satisfações sexuais” para garantir seu lugar como estrutura psíquica. Assim, apresento-lhes o texto “Fetichismo”, escrito por ele em 1927. Através do exaustivo estudo de seus casos, Freud nos conta que raramente alguém chega à análise por causa de seu fetiche, pois, por mais que apresente-se como uma anormalidade, raramente é sentido como um sintoma que produz sofrimento (FREUD, 1927, p. 155).

Em todos os casos analisados, Freud diz que o significado e o propósito do fetiche demonstraram ser os mesmos, sempre se apresentando de modo natural. A partir desse dado, é constatado que o fetiche é, na realidade, um substituto para o pênis; o primeiro e mais importante da primeira infância, que foi posteriormente perdido (FREUD, 1927, p. 155). Vale ressaltar que, quando Freud trata de pênis, na verdade está se referindo ao lugar fálico (de atenção e amor) em que a função materna coloca seu filho quando nasce. É o que permite que o bebê crie laços com esse Grande Outro e, com o tempo, se constitua como sujeito de desejo. Após certo período, o bebê percebe que não é um com sua mãe, que ela tem outros interesses além dele, e por isso, o bebê

passa a buscar quem ocupa o lugar do falo materno. Nesse momento, encontra a função paterna²⁰. Através de processos identificatórios com ambas as funções (materna e paterna), o sujeito psíquico de desejo vai constituindo-se, sempre buscando ser colocado naquele lugar de amor primeiro, mas sem nunca o encontrar.

Assim, podemos dizer que o falo materno deveria ter sido abandonado; contudo, o fetiche entra como substituto para evitar que o sujeito seja extinto (FREUD, 1927, p. 155), uma vez que o próprio sujeito se recusou a reconhecer que a mãe não possui um pênis. Pois, caso afirmasse a falta de falo da mãe, teria que assumir que a própria posse de um pênis estava em perigo, fazendo com que a parte do narcisismo ligada a esse lugar agisse em defesa (FREUD, 1927, p. 156).

O recalque, mecanismo de defesa neurótico que Freud trabalhou vastamente em sua obra, parece relacionar-se com esse processo patológico também. Basicamente, o recalque envia ao inconsciente o que é insuportável pela nossa consciência, comandada também pela moral vigente da época. O conteúdo recalcado inclui tanto a ideia, ou pensamento, ou experiência em si, quanto o afeto que envolvia o fato. Dessa forma, Freud nos conta que se fosse preciso diferenciar mais detalhadamente o fato do afeto, diríamos que a palavra “recalque” ficaria reservada ao afeto, enquanto que ao fato (o momento, a experiência) seria reservada a palavra “rejeição” (FREUD, 1927, p. 156). Porém, na situação que estudamos, podemos ver que a percepção continuou e uma ação foi realizada para manter tal rejeição (FREUD, 1927, p. 156).

Após a criança observar a mãe, pensava-se que tenha ficado inalterada a crença de que mulheres possuem um falo. Entretanto,

²⁰ Função paterna: assim como a função materna, é a pessoa que ocupa o lugar do pai simbolicamente para a criança. Não necessariamente é o pai biológico, mas pode ser qualquer um em contato com a criança.

isso não é verdade. A criança mantém essa crença, mas também a abandona; houve um conflito entre a percepção infantil sobre o falo da mãe e a força do seu contradesejo, que acabou chegando a uma solução, tal como só é possível sob as leis do pensamento inconsciente (ou processos primários): a mulher teve um pênis, mas não é mais o mesmo de antes; algo tomou seu lugar, como substituto, e o interesse que antes era dirigido ao pênis é voltado ao novo objeto (FREUD, 1927, p. 156). Bleichmar (1984, p. 64) diz que independente de o sujeito tornar-se indiferente ao órgão genital ou se ele lhe causa horror, o que é mais importante em situação analítica é a substituição do genital por um novo objeto.

Contudo, esse interesse aumentou enormemente, pois o choque sofrido pelo sujeito com a castração desenvolveu uma barreira contra si mesmo na criação desse substituto. Além disso, uma aversão aos órgãos genitais femininos reais é encontrada em todos os fetichistas, justamente por causa do horror da castração e do recalque (FREUD, 1927, p. 157). Freud diz que a nenhum sujeito do sexo masculino é poupado o susto da castração à vista de um órgão genital feminino; porém, por que a resolução deste conflito entre as pessoas é diferente, não conseguimos explicar. De todos os fatores possíveis, eram desconhecidos os necessários para a formação do resultado patológico; assim, Freud procurou focar em explicar o que aconteceu, em vez de preocupar-se em explicar por que algo não aconteceu. A partir disto, ele coloca que, a partir das impressões do órgão genital feminino, alguns se tornam homossexuais, outros a desviam para a criação de um fetiche, enquanto a grande maioria simplesmente a supera (FREUD, 1927, p. 157).

Agora, podemos perceber o que fetiche consegue e o que o mantém; ele permanece um indício do triunfo sobre a ameaça da castração e uma proteção contra ela. Posteriormente, o fetichista pode usufruir de uma outra vantagem de seu substituto do pênis: o significado do fetiche não é conhecido por outras pessoas, de

modo que ninguém o tira dele. É, geralmente, facilmente acessível e pode conseguir a satisfação sexual ligada a ele (FREUD, 1927, p. 157). Era de se esperar que qualquer objeto que seja escolhido como objeto substituto do falo ausente da mulher apresentasse, nele próprio, símbolos do pênis sob outros aspectos. Isso acontece com certa frequência, mas não é regra. Mas o que se pôde observar, em quase todos os casos, é que quando o fetiche é instituído, algo ocorre que faz lembrar a última memória antes da interrupção traumática; é como se a última impressão antes do trauma fosse registrada para tornar-se o fetiche daquele sujeito. Aqui, Freud cita alguns exemplos para melhor esclarecimento:

“Assim, o pé ou o sapato devem sua preferência como fetiche – ou parte dela – à circunstância de o menino inquisitivo espiar os órgãos genitais da mulher a partir de baixo, das pernas para cima; peles e veludo – como por longo tempo se suspeitou – constituem uma fixação da visão dos pelos púbicos, que deveria ter sido seguida pela ansiada visão do membro feminino; peças de roupa inferior, que tão frequentemente são escolhidas como fetiche, cristalizam o momento de se despir, o último momento em que a mulher ainda podia ser encarada como fálica” (FREUD, 1927, p. 157).

Como podemos observar neste trecho, ao que tudo indica, o momento crucial para a formação do fetiche (nos casos em que essa é a saída encontrada pelo aparelho psíquico) é o momento último antes de a mulher ser considerada castrada. Porém, Freud coloca que não sustentaria qualquer colocação determinada como certeza sobre como tal fetiche foi determinado (FREUD, 1927, p. 157). Bleichmar (1984) aponta, como Freud, que esse é o último momento em que a mulher é considerada fálica. Um deslocamento é produzido (do falo ao futuro objeto-fetiche) e o mecanismo de rejeição inconsciente atua (p. 65).

Nesse momento, Freud traduz a diferença entre neurose e psicose, trazendo os mecanismos que ocorrem em cada uma para

tentar aproximá-los do fetichismo. Assim, a principal diferença entre neurose e psicose colocada por ele é que na neurose, o Eu, que está a serviço da realidade, reprime um fragmento do Isso, enquanto que na psicose, o Eu se deixa induzir pelo Isso a se desligar de um fragmento da realidade (FREUD, 1927, p. 158). Freud comenta brevemente dois casos de jovens que atendeu para exemplificar a situação, dizendo que ambos (com idades diferentes) não haviam conseguido tomar conhecimento da morte de seu pai e, no entanto, nenhum deles desencadeou uma psicose. Dessa forma, podemos pensar que um fragmento da realidade foi rejeitado (seguramente importante) pelo Eu desses jovens, como acontece com os fetichistas e a castração feminina (FREUD, 1927, p. 158). Tal ocorrência pode ser semelhante a processos ocorridos na infância, e faz uma ressalva em sua afirmação anterior sobre a neurose e a psicose. Há uma saída para a dificuldade, e a afirmação anterior precisava apenas ser válida onde houvesse uma maior diferenciação no aparelho psíquico, sendo permitido o acesso da criança a conteúdos que acarretariam graves prejuízos a um adulto (FREUD, 1927, p. 158).

Todavia, Freud pensa em outra leitura para os dois casos que ele traz. Nenhum deles havia ignorado a morte dos pais, tanto quanto um fetichista não ignora a castração feminina. Havia apenas uma “corrente” no aparelho psíquico que não reconheceu a morte do pai, mas havia outra que o fez (FREUD, 1927, p. 158). Elas andam lado a lado, cada uma com sua percepção sobre a vida do sujeito; são elas a corrente do desejo e a corrente da realidade. Já a castração, tão rejeitada pelo fetichista, se faz presente e necessária em sua execução. Por isso, o fetichista contém, dentro de si, duas afirmações opostas e incompatíveis: “*a mulher ainda tem um pênis*” e “*meu pai castrou a mulher*” (FREUD, 1927, p. 159). Ligando isso ao pensamento do fetichismo, há muitas evidências quanto à atitude dividida dos fetichistas para com a castração feminina. Nos casos mais leves, tanto a rejeição quanto

a afirmação castração colaboram na construção do fetiche, como no caso contado por Freud “[...] de um homem cujo fetiche era um suporte atlético que também podia ser usado como calção de banho. Essa peça cobria inteiramente os órgãos genitais e ocultava a distinção entre eles” (FREUD, 1927, p. 159). Ele conta que, depois de algum tempo de análise, pôde-se observar que isso significava que as mulheres eram e não eram castradas ao mesmo tempo (como nas duas correntes, do desejo e da realidade, sendo uma que reconhece e outra que não reconhece a morte do pai do jovem), e isso permitiu a hipótese de que os homens eram castrados porque tudo, tanto em homens quanto em mulheres, poderia ser oculto sob o suporte (FREUD, 1927, p. 159).

Esse tipo de fetiche, que é derivado de ideias opostas, tem um período de duração considerável. Em outros casos, a atitude dividida se mostra no que o fetiche faz com seu fetiche, tanto na realidade quanto em sua imaginação. Dizer que há uma adoração por parte do fetiche não contempla grande parte deles; muitos o tratam como se fosse uma representação da castração. Isso normalmente acontece caso haja uma identificação maior com o pai, e o fetiche desempenha o papel desse, pois foi esse pai quem atribuiu primeiro a castração da mulher, quando o fetiche ainda era criança (FREUD, 1927, p. 159).

O modo como o fetiche trata o seu fetiche, seja através de hostilidade ou de afeição (duas formas opostas que correm paralelas também na rejeição e reconhecimento da castração), podem ser encontradas ao mesmo tempo e em graus variados a depender do fetiche, podendo uma ou outra ser mais facilmente identificável (FREUD, 1927, p. 159).

Considerações Parciais

Podemos pensar que o ponto central desse artigo é o fato de o fetiche ser um substituto para o falo materno, no qual a criança acreditou que existia até deparar-se com a castração. Assim,

segundo Ferraz (2015, p. 44), a criança se choca com a percepção da não-existência do falo materno, pois isso implicaria na própria perda do falo e, com isso, de sua onipotência, o que acaba desembocando no mecanismo de recusa. Dessa forma, “a percepção é mantida, mas a afirmação inconsciente de que o pênis continua a existir faz com que a representação deste se desloque para um outro objeto, a saber, o fetiche” (FERRAZ, 2015, p. 44-45), ou seja, se formos pensar nos termos sobre duas correntes paralelas que Freud falou em seu artigo, diríamos que, na corrente da realidade, a criança sabe que a mãe não possui um pênis, porém, na corrente do desejo inconsciente, o falo não deixa de existir, mas sua representação encontra um outro objeto qualquer que se torna o fetiche.

Dado isso, o fetiche pode ser pensado como o triunfo sobre a ameaça da castração, atuando como protetor contra ela em sua vida sexual. Por esse motivo que não pode gozar sem que seu objeto-fetiche esteja presente, recebendo a carga de valorização que antes era destinada ao genital, sendo colocada em uma posição ideal muito alta (FERRAZ, 2015, p. 45).

Em seu livro, Ferraz (2015) nos explica um pouco mais detalhadamente como Freud (1927) pensou as duas correntes já citadas no capítulo, uma vez que são opostas em seu processo de aceitar e negar a castração. Ele fala que ambos os processos ocorrem porque há uma divisão do Eu, de modo que ele funcione em dois registros opostos, sem que se cruzem ou se anulem. Como Freud colocou, elas andam lado a lado, uma da ordem do desejo e outra da ordem da realidade. Porém, isso só ocorre se uma parcela do Eu se desliga da realidade; parte essa correspondente à castração (p. 46).

Comparada a outras psicopatologias, o fetiche é uma presença que substitui uma ausência, significando a realização de um desejo, diferente da psicose, onde há uma alucinação sobre os

desejos (BLEICHMAR, 1984, p. 66). Na perversão, o que se destaca é a ilusão na vida psíquica, uma vez que um conteúdo é negado, e o perverso procura sempre criar situações onde a castração pode ser negada.

Com isso, finalizamos os capítulos em que exploramos o que Freud postulou sobre a perversão em sua época, buscando, a partir de agora, explorar o que autores contemporâneos trazem sobre o tema, considerando um cenário mais atual de nossa cultura.

Capítulo 4

Contemporâneos

“O aspecto notável dos seres humanos em sua estrutura psíquica – como em sua estrutura genética – é sua singularidade”.

Joyce McDougall, 1997

Nesse último capítulo, abordaremos o ponto de vista de autores contemporâneos sobre o tema da perversão. Como foi falado anteriormente, demos preferência a menos autores, mas com um aprofundamento maior sobre o tema, em detrimento de mais autores com uma visão mais ampla, independente da escola psicanalítica a qual tal autor pertence.

Segundo o Dicionário Internacional da Psicanálise (MIJOLLA, 2005, p. 1376), para classificar alguém com o funcionamento perverso da sexualidade, supõe-se que haja uma classificação do que é normal no padrão social, em contraponto às escolhas de objetos e atos que seriam considerados aberrações. Essa linha de pensamento segue o que Freud havia dito no começo de sua obra, classificando as perversões num âmbito mais sexual do que como funcionamento mental.

Por causa de todo o significado depreciativo que é carregado junto com a palavra “perversão”, McDougall prefere utilizar o termo “neosssexualidade” (FERRAZ, 2005, p. 20). A autora relata que prefere utilizar o termo perversão somente nas seguintes condições: “[quando um sujeito] (1) impõe desejos e condições pessoais a alguém que não deseja ser incluído naquele roteiro sexual (como no caso do estupro, do *voyeurismo* e do exibicionismo) ou (2) seduz um indivíduo não responsável (como uma criança ou um adulto mentalmente perturbado).” (MCDUGALL, 1997, p. 192). Ela termina dizendo que talvez somente os relacionamentos possam ter a condição perversa, nos quais há uma troca sexual onde o sujeito perverso seria indiferente

aos desejos e necessidades do outro, procurando atuar sempre o seu próprio desejo (MCDOUGALL, 1997, p. 192).

A autora também conta que tentou, por anos, buscar uma definição de sexualidade perversa do ponto de vista da psicanálise, mas não conseguiu chegar a nenhuma conclusão que não visasse a um excesso de patologização de práticas apenas complicadas ao se manter uma relação, como por exemplo, *voyeurismo* e exibicionismo, sadomasoquismo, entre outros. Há, sim, algo dessas práticas que poderiam levar a uma patologia, mas somente quando são sentidas como compulsões ou condições exclusivas para o prazer sexual (MCDOUGALL, 1997, p. 186-187).

Todos os autores lidos trazem casos clínicos para serem comentados em relação à teoria. Ferraz (2005) nos traz a leitura de alguns autores de ambas as escolas (inglesa e francesa), destacando que ambas estudam a perversão nos desdobramentos que a estrutura psíquica tem dentro da clínica, através da transferência²¹. Transferência esta que se estabelece através de um jogo, ou desafios, propostos ao analista, sempre buscando negar a lei do pai e substituí-la pela lei de seu desejo, ou seja, o perverso busca o desaparecimento da linguagem e da diferença entre os gêneros, fazendo prevalecer o seu desejo, acima de todos os outros (p. 23). Ferraz (2005) ainda comenta de outra autora, Betty Joseph, que diz que os principais sintomas da perversão sempre se manifestam na transferência (p. 26). Isso corrobora o argumento de Janine Chasseguet-Smirgel (1984), quando ela afirma que o perverso busca libertar-se das restrições da lei, para criar uma nova realidade e destronar Deus, nosso Pai (p. 12).

Assim, podemos ver que, para além da sexualidade, o perverso tem o desejo de viver sem as diferenças, bem como as sensações de inadequamento, pequenez, ausência, castração e

²¹ Transferência: é o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos dentro de uma relação, incluindo a relação analítica (LAPLANCHE e PONTALIS, 2016, p. 514).

morte, que também desaparecem, segundo Chasseguet-Smirgel (1984, p. 13). Essa definição de estrutura perversa é mais ampla do que se considerarmos somente a sexualidade perversa proposta por Freud nos “Três ensaios” (1905), e tem como base o mecanismo de defesa da recusa proposto explicitamente em seu texto “Fetichismo” (1927). É interessante ressaltar que, apesar de propor o mecanismo da recusa e a perversão como estrutura, isso é feito em um texto que explica melhor os pormenores de um “desvio sexual”, como colocou Ferraz (2005, p.33).

O mecanismo de recusa foi muito importante na época para dizer sobre a perversão, pois permitiu que ela saísse de oposto da neurose para ocupar um lugar entre as classificações de estruturas psíquicas possíveis através de um processo de constituição. Inicialmente, a recusa foi chamada de recusa da castração por Freud em seu artigo de 1927 (apresentado no capítulo anterior), quando ele fala que o sujeito perverso coexiste em duas realidades contraditórias: uma que reconhece a ausência de pênis da mulher e outra que a recusa. Porém, conforme Freud vai descrevendo os mecanismos de recusa, podemos observar que poderia tratar-se de uma recusa da realidade; realidade esta que seria uma ampliação da castração, sendo “aquilo que se opõe à realização do desejo” (FERRAZ, 2005, p. 54).

Em contraponto ao recalque, que possui o seu objeto dentro do aparelho psíquico, o objeto da recusa encontra-se na realidade exterior ao sujeito. Agora, se trata-se da realidade em si, ou da realidade percebida pelo sujeito, Ferraz (2005, p. 54) nos apresenta uma discussão de Laplanche e Pontalis que dá a entender que é algo da realidade mais básico e comum a todos os seres humanos do que algum fato hipotético perceptivo, ou seja, seria algo da realidade ligado ao tempo e espaço.

Outro fator muito comum em perversos é a recusa do tempo; tempo que passa e traz doença, cansaço, dor, perda de beleza,

envelhecimento e morte. Ferraz (2005) nos traz dois exemplos sobre a passagem do tempo em relação ao sujeito perverso:

“Ora, essa recusa do envelhecimento, na qualidade de recusa do tempo encarnado no próprio sujeito, sabemos, tem seu correlato na recusa do tempo encarnado no objeto, que aparece frequentemente no descarte dos parceiros que vão envelhecendo, situação socialmente bastante comum, especialmente nos homens. [...] Os disfarces da idade, tão corriqueiros e normais, são parte de uma linha contínua que, ao adentrar o terreno da perversão, pode transformar-se em outras modalidades correlatas de substituição do autêntico pelo falso [...]” (p. 59).

Como pudemos ver no trecho acima sobre a recusa da passagem do tempo, um dos exemplos nos mostra a troca excessiva de parceiros, que sempre tem idade inferior à do sujeito em questão, e a troca do que é autêntico pelo falso, como no caso de cirurgias plásticas. Claro que, como Joyce McDougall (1997) nos esclareceu, é preciso que haja um excesso, uma compulsão por trás desses atos para que possam ser considerados patológicos. Afinal, o “horror ao envelhecimento”, como colocou Ferraz (2005, p. 59), é característica da nossa sociedade atual, e é necessário que seja levado a extremos para ser considerado patológico.

Sendo assim, podemos dizer que a perversão não é marcada por esse ou aquele comportamento, mas pela eleição de um único objeto ou ato através do qual o sujeito obtém prazer, e sem o qual o acesso ao prazer fica impossibilitado. De acordo com Ferraz (2005), não há um encadeamento erótico entre as práticas do perverso, como acontece com os neuróticos, pois o perverso não reconhece a hierarquia dos estágios libidinais, uma vez que as pulsões parciais não foram submetidas à primazia do genital, mas sofreram uma fixação. Tal fixação não diz respeito somente à obtenção de prazer em si, mas ao momento em que o sujeito ficou

preso em seu processo de constituição psíquica, o que ressalta sua relação com o tempo (p. 61).

Os processos pelos quais passariam um sujeito perverso, ou neossexual, são descritos por McDougall (1997, p. 192); ela retoma Freud para dizer que as modalidades sexuais humanas foram criadas, não são inatas. Há uma série de identificações e contraidentificações que a criança realiza na sua infância que levariam a uma perversão estrutural (sem contar a condição perverso-polimorfa infantil, como descrita por Freud e já apresentada neste trabalho nos capítulos anteriores).

As primeiras trocas entre mãe e bebê ocorrem de forma menos simbólica e mais corporal, ou seja, os processos psíquicos que ocorrem antes da identificação são a introjeção e a incorporação. Nessa fase, os desejos e temores inconscientes da função materna são os fatores que iniciam a constituição psíquica de seu bebê. À medida que essa comunicação vai se tornando mais languageira²² do que corporal, é que as citadas identificações e contraidentificações podem ocorrer. É papel da função materna nomear as zonas erógenas de seus filhos e comunicar o tipo de investimento que elas devem receber (MCDOUGALL, 1997, p. 195). Segundo a autora, através de sua observação clínica, ela pôde constatar que as crianças que desenvolveram um comportamento considerado desviante criam o seu jogo erótico como uma tentativa de proteger a si mesmas frente a uma angústia de castração muito grande, proveniente de conflitos edipianos. Essa defesa também pode ter surgido devido à necessidade de entrar em acordo com uma imagem corporal²³ introjetada como frágil ou mutilada, que geraria um sentimento de morte libidinal forte demais para que pudesse ser suportado (MCDOUGALL, 1997, p. 195).

²² Languageira: termo utilizado por Françoise Dolto que expressa o comunicar-se, falar-se (DOLTO, 2015, p.11).

²³ Imagem corporal: é a representação corporal introjetada que o sujeito possui de si mesmo, que pode corresponder ou não à realidade (DOLTO, 2015, p. 9-10).

O discurso parental, que acompanha a criança durante todo seu processo de constituição psíquica (e por toda a vida), tem papel importante na estrutura psíquica do sujeito. As identificações e mecanismos de defesa que o sujeito em constituição constrói para se defender do excesso do mundo real e inconsciente dos pais vão contribuindo para a formação e escolha do objeto de desejo:

“Porém, acima e além da interpretação que as crianças fazem das comunicações de seus pais, assim como de seus impressionantes silêncios, estão as poderosas identificações e operações defensivas que elas constroem em relação àquilo que compreendem acerca dos conflitos sexuais e dos desejos eróticos *inconscientes* dos pais, bem como do papel que secretamente são solicitadas a representar aí” (MCDOUGALL, 1997, p. 193).

A escolha de objeto, independente de qual seja, foi a melhor solução que a criança foi capaz de encontrar diante de tais comunicações parentais sobre a identidade de gênero, feminilidade, masculinidade e papel sexual (MCDOUGALL, 1997, p. 193). Quando esse discurso é falho ou insuficiente, e o sujeito não consegue garantir as identificações com as funções materna e paterna, isso acaba gerando um impedimento na integração das identificações edípicas estruturantes, fazendo com que os temores narcísicos predominem e o desejo sexual desperte terror. Essa falta de objetos introjetados deixa um vácuo para a “criação de uma solução sexual aditiva com a finalidade de dispersar o conflito e a dor mental” (MCDOUGALL, 1997, p. 198). Isso faz com que os sujeitos recorram somente ao objeto escolhido para satisfazer-se. Quando os objetos parentais introjetados são “suficientemente bons”, o sujeito consegue encontrar soluções neuróticas para o seu conflito sexual (MCDOUGALL, 1997, p. 198).

Janine Chasseguet-Smirgel (1984) aponta um outro lado da constituição de um sujeito perverso. Em seu livro, ela enfatiza o

desejo que o perverso tem de tomar o lugar de Deus, o Criador, extinguindo as diferenças entre as pessoas e, com isso, a castração. A constituição psíquica de um neurótico acontece porque a criança renuncia à satisfação libidinal para preservar seu pênis, introjeta a lei do incesto e outras proibições impostas pela sociedade que está inserido e estabelece uma moralidade dentro de si mesmo, que chamamos Supereu. O perverso tenta contornar o destino do Complexo de Édipo, pois ele não quer escolher entre ser ou não castrado e, deste modo, uma parte de si se ausenta da realidade, clivando seu Eu e criando as duas correntes que Freud comentou em “Fetichismo” (1927). Isso faz com que o sujeito perverso preserve seus órgãos genitais e sua função sexual (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1984, p. 26).

Por fim, gostaria de explanar um texto que é considerado muito importante no estudo das perversões dentro do campo psicanalítico. Joyce McDougall escreveu o texto “Alegato por una cierta anormalidad” que, em português, traduziu-se por “Em defesa de uma certa anormalidade”. Nesse artigo, recheado de pontos de interrogação, McDougall questiona o conceito de “normal” ou “normalidade”, principalmente do ponto de vista psicanalítico. Ela se pergunta se existe uma normalidade boa e uma má, ou só há uma normalidade, e nos diz que até podemos tentar imaginar como seria se tudo fosse ideal... Mas a serviço de quem? (MCDUGALL, 1996, p. 416).

Há uma ambivalência na noção de normalidade que se expressa por uma simples definição de “normal” em seu dicionário, que se traduz por “ordinário” ou “conforme a regra”; e muitas pessoas gostariam de ser “conforme a regra”, até mesmo as “crianças ajuizadas”. Porém, para muitas pessoas, ser considerado “ordinário” é repugnante, mas nem por isso elas têm o desejo de ser anormais, como no trecho: “Essa ambiguidade implícita no adjetivo qualitativo nos indica que já se trata de dois setores diferentes de nosso ser, um dos quais quer ser conforme as regras

enquanto que o outro busca fugir delas” (MCDUGALL, 1996, p. 418).

A ideia de que um sujeito se faz da própria normalidade nos faz questionar quais são as referências utilizadas para se constituir como “normal”, afinal, mesmo que nós julguemos uns aos outros, o ponto de partida é alguma regra pré-existente, o que nos faz pensar, em primeiro lugar, nas referências usadas dentro da família de cada um. Pois é na família que começamos a formar nossos julgamentos morais e é onde buscamos aceitação. Fazemos isso respeitando as regras colocadas dentro de casa e aceitando os ideais parentais que nos são apresentados, ou seja, a criança se identifica em primeiro lugar com o desejo dos pais, e essa regra familiar será considerada “normal” ou “patológica” em função das regras da sociedade a qual pertence (MCDUGALL, 1996, p. 419).

Sendo assim, McDougall (1996) inquire se é normal nos questionarmos tanto e, após apresentar dois casos clínicos, se pergunta sobre a sexualidade humana. O que constitui uma sexualidade normal? Ela nos diz que Freud considerava a vida sexual regida pelo azar, e a vida sexual com êxito, um luxo (MCDUGALL, 1996, p. 425). Ela afirma que a norma, independente de qual seja, tem um aspecto sociotemporal, que se modifica ao longo dos anos: “minhas observações e reflexões sobre as mudanças nos costumes sexuais me levam a concluir que (sem considerar a questão das diferenças básicas entre de estrutura psíquica entre os indivíduos) as normas sexuais mudam continuamente, mas a angústia de castração permanece. Simplesmente encontrou novos disfarces”²⁴ (MCDUGALL, 1996, p. 428).

A autora finaliza seu texto lembrando-nos de como as crianças se comportam antes de serem “normatizadas”: têm perguntas muito

²⁴ Tradução minha.

criativas para todas as situações. É nesse ponto em que a arte e a criação constituem uma transgressão (MCDOUGALL, 1996, p. 432), pois são produtos da dúvida, do questionamento e da liberdade criativa que tínhamos antes de ser “normatizados”. O mesmo pode ser dito da sexualidade humana e de suas estruturas psíquicas; o aspecto mais notável de cada sujeito existente é sua singularidade. Todos constituímos meios para lidar com a realidade que nos foi imposta e o sofrimento que há em cada um de nós. Terminei este capítulo com uma citação de McDougall (1997) sobre um caso clínico que atendeu:

“Talvez alguns leitores possam considerar este analisando como psicótico, como histerofóbico grave, obsessivo grave, caráter neurótico narcísico ou perverso. Que importa como o rotulemos? Digamos que ele é apenas um ser humano tentando sobreviver psiquicamente, por meio de todos os recursos à sua disposição. E, de fato, sobreviveu de mais de uma maneira (MCDOUGALL, 1997, p. 229)”.

Considerações Parciais

Neste capítulo, pudemos ver diferentes pontos de vista em relação à perversão e as diversas formas que um sujeito, considerado perverso, chega à clínica. Pudemos constatar que muitos autores ainda têm como base o que foi escrito por Freud ao longo de sua vida, ainda que tenham adaptado alguns detalhes de forma que possamos entender o sujeito marcado pela organização social de hoje, que muito difere da época em que Freud viveu. A definição de perversão ainda não está concluída, uma vez que muitos são seus desdobramentos clínicos, além de precisarmos sempre ter o cuidado de não patologizar demais comportamentos que normalmente passariam despercebidos, a depender do sujeito. Apesar disso, muitos são os pontos em comum entre os autores. Alguns exemplos seriam a recusa, a transgressão e os excessos.

O mecanismo de recusa é um modo de defesa encontrado pelo sujeito frente à angústia de castração, resultado de conflitos edipianos. As identificações parentais realizadas nesse período da vida, quando o sujeito ainda está em constituição, dão o aporte necessário para que o sujeito realize suas escolhas (inconscientes) de objeto de amor e aspectos de sua personalidade. Quando essas identificações falham, cria-se um vácuo no aparelho psíquico, dando oportunidade para que se crie uma sexualidade aditiva, sem a qual o sujeito não consegue obter prazer.

As transgressões podem ser vistas quando o perverso busca tomar o lugar de Deus, o Criador do universo, para formar o seu próprio. Seria um mundo sem diferenças, sem castração, sem sofrimento psíquico, sem envelhecimento. Há algo da onipotência infantil que prevalece no perverso, quando pensam que podem tudo. Os excessos que marcam o perverso são explicados pelos autores como um diferencial entre este e uma pessoa neurótica, uma vez que as compulsões e a cena única com a qual se pode obter o prazer são muito marcados nesses casos.

Enfim, apresentamos a importância de não nos limitarmos a classificações nosográficas, embora elas nos sirvam muito bem na hora de conduzir um tratamento na clínica. A forma com que cada sujeito lida com seus conflitos constitui-se a partir da história de vida única de cada um e, como Freud mesmo disse, há algo de perverso em todos nós, uma vez que partimos da sexualidade perverso-polimorfa infantil e ela faz parte imprescindível de nossa estruturação psíquica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, pudemos estudar como o conceito de perversão foi construído dentro da obra de Freud, bem como as mudanças que ocorreram na teorização dessa estrutura psíquica dentro da psicanálise contemporânea. O termo “perversão”, ainda muito impregnado pela conotação sexual pejorativa do século XIX no senso comum, continua a trazer uma significação sexual dentro da própria psicanálise, mas com sentido muito mais amplo e muito menos depreciativo. O vocabulário freudiano traz consigo muitas marcas da repressão da sociedade europeia vitoriana que estava inserido, mas sabemos que o que Freud chamava de sexual não dizia respeito apenas à genitalidade, mas o sentido mais amplo da palavra, querendo significar a obtenção de prazer.

Freud teve três momentos em sua obra que dissertou sobre a perversão. O primeiro deles foi marcado pela frase “a neurose é o negativo da perversão” (FREUD, 1905, p. 157), já que o perverso atua o que o neurótico recalca. Com isso, pudemos pensar que há uma predisposição à perversão em todos os sujeitos, e o que muda é o destino que damos para isso; para se constituir neurótico ou perverso, são caminhos diferentes a serem trilhados, sendo a principal diferença, nesse momento, a aquisição de barreiras, como a moral e o nojo.

A principal característica da sexualidade infantil é sua condição perverso-polimorfa, onde não há hierarquia entre os prazeres obtidos por uma criança, mas é um momento de experimentação. As pulsões parciais circulam livremente, tomando o que quiserem como objeto. Inúmeros mecanismos surgem para barrar as pulsões parciais e colocá-las sob a primazia do genital, como a sublimação e a castração. Uma perversão tem a tendência a se formar caso haja uma fixação de uma das pulsões parciais em detrimento da pulsão genital. Uma relação sexual também é classificada como perversa caso não tenha como objetivo a

reprodução, o que faz com que a sexualidade humana em si seja, em sua maioria, perversa.

No segundo momento, Freud começa a elaborar a importância das fantasias para a constituição psíquica do sujeito e seus desdobramentos na vida adulta. As fantasias nas quais crianças são espancadas, segundo foi observado por Freud, são provenientes de um traço de perversão que sofreu fixação, fazendo com que a fantasia se desenrolasse em três fases: a primeira não é marcada por nenhuma pulsão masoquista nem sádica, visto que o próprio sujeito não é a criança que bate nem a que apanha. Essa fase é marcada pela onipotência imaginária infantil, que lhe diz que o pai bate naquela criança porque não a ama. A criança já realizou suas escolhas objetais a essa altura, e a fantasia tenta recalcar o objeto de amor incestuoso, gerando sentimento de culpa.

A segunda fase é marcada pelo sentimento de culpa, uma vez que a criança, desejosa dos pais inconscientemente, cria a fantasia que apanha do próprio pai em sua consciência, fazendo com que pensamentos de ódio do pai sobre ela também ocorram. Essa fase traz outra característica que é o sentimento de amor, substituindo a relação incestuosa barrada pela cultura. A terceira e última fase das fantasias de espancamento é quando tanto a criança que apanha quanto o pai são substituídos por outros personagens, em clara alusão aos originais. A criança que cria a fantasia agora assiste à cena de espancamento, evidenciando o componente sádico.

Esse tipo de fantasia nos mostra a castração, já que o sujeito que antes circulava livremente pelas leis, sem restrições ou limites, encontra-se barrado pela lei paterna e a proibição do incesto. Também ficam claras a atuação da libido e da pulsão de morte no aparelho psíquico, pois esta busca desintegrar o sujeito para que ele volte ao seu estado de descanso original, enquanto

que aquela defende o sujeito; parte da energia despendida nesse embate se solta no aparelho psíquico e se volta contra o sujeito, gerando sentimentos de culpa. A perversão se apresenta aqui dentro do típico desenvolvimento infantil, através das correntes sádicas e masoquistas, compondo os quadros de fantasia da criança, até que a castração possa enfim atuar.

O terceiro e último momento da obra de Freud trata do fetichismo. Nele, a criança achava que todos tinham a posse do falo, até que um dia depara-se com a ausência do pênis da mãe, fazendo com que perceba a possibilidade de ele mesmo tornar-se um sujeito castrado, perdendo também sua onipotência imaginária. Quando o choque é muito forte e a criança não possui outros mecanismos para que possa lidar com a possibilidade da ausência do falo é que entra em ação o mecanismo de recusa. Isso faz com que haja uma clivagem do Eu do sujeito, onde há duas realidades possíveis: uma em que a castração existe e outra em que a mãe ainda possui o falo. A corrente que mantém a percepção do falo é inconsciente, e sua representação desloca-se para outro objeto, a tornar-se o objeto fetiche. Por isso que o perverso não consegue gozar sem que haja o objeto-fetiche presente; este recebeu a carga simbólica que antes era destinada ao genital.

Dado esse recorte da obra freudiana sobre a perversão, introduzimos alguns autores psicanalistas mais recentes para tratar do assunto. Pudemos observar que a categoria nosográfica da clínica serve como um guia para o tratamento dos sujeitos que buscam esse tipo de atendimento. Mesmo que não haja uma definição clara e objetiva sobre a estrutura psíquica perversa, muito pode ser trabalhado dentro do ambiente clínico.

A identificação parental, a comunicação e o não-dito familiar deixam impressões no inconsciente infantil, e juntamente com os pormenores do processo de constituição psíquica, como a ameaça da castração e a lei do incesto, farão com que a criança encontre

meios para lidar com todo seu sofrimento. O sujeito que se estrutura como perverso não conseguiu lidar com a ausência do falo e, por isso, acabou cindindo seu Eu, negando uma parte importante do convívio em sociedade que é a lei. Ele busca construir um mundo próprio onde não há sofrimento, dor, envelhecimento. A repetição se faz presente na vida deste sujeito uma vez que busca compulsivamente apaziguar seus conflitos internos através da cena fantasiada em sua mente, independente de qual seja o objeto ou ato escolhido para tal.

Ressaltamos também a importância de nos questionarmos em relação ao conceito de normalidade e patológico, uma vez que a linha que os diferencia é tênue e, por vezes, difusa. O julgamento de algo como “normal” implica em uma série de construções pré-existentes ao sujeito, que podem variar de acordo com o ponto de vista empregado por cada um. O excesso de normalidade também pode ser sintomático, e o importante é respeitar a forma que cada um encontrou para lidar com seus conflitos internos.

A pesquisa em psicanálise está longe de findar, principalmente dentro do campo da perversão. A teoria é constantemente atualizada através da prática clínica, de onde temos maior embasamento para falar dos mecanismos psíquicos de cada sujeito. O presente trabalho se propôs a entender o que Freud falou sobre a perversão na vida psíquica adulta e como o tema é abordado nos dias atuais, mas deixa dúvidas sobre como ficam os perversos além da clínica, onde e como ocorrem as intervenções com esse público, e se as instituições públicas de saúde estão prontas para acolher e trabalhar cada caso, respeitando a singularidade de cada um. Seguindo a linha de uma pesquisa sobre e para a sociedade e a cultura atuais, penso que um aprofundamento teórico em relação ao Supereu e o declínio da função paterna proporcionariam um melhor diálogo com as formas de perversão moral dentro de nossa cultura; apesar de alguns autores apontarem que o Supereu nunca esteve tão rígido.

Essas são algumas dúvidas que poderão ser sanadas com trabalhos posteriores, pois o limite do tempo e a proposta da pesquisa não permitiram um aprofundamento no campo social da questão da perversão, embora seja reconhecida a importância desse estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLEICHMAR, Hugo. **Introdução ao estudo das perversões**: a teoria do Édipo em Freud e Lacan. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

CECCARELLI, Paulo Roberto. As possíveis leituras da perversão. **Estudos Psicanalíticos**, n. 36. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: [\[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0100-34372011000300013&script=sci_arttext#4\]](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0100-34372011000300013&script=sci_arttext#4). Acesso em 06/05/16, às 16:01.

_____. Perversões e suas versões. **Reverso**, v. 27, n. 52. Belo Horizonte, 2005. Disponível em: [\[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0102-73952005000100007&script=sci_arttext\]](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0102-73952005000100007&script=sci_arttext). Acesso em 11/04/2016, às 18:33.

CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine (1984). **Creativity and perversion**. London: Free Association Books, 1998.

DOLTO, Françoise. **A imagem inconsciente do corpo**. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FERRAZ, Flávio Carvalho (2001). **Perversão**. 6ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

_____. **Tempo e Ato na Perversão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

FREUD, Sigmund (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, in: **Obras completas, volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de um caso de histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. (1908). Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna, in: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição

standard brasileira. Volume IX (1906-1908). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1914). Introdução ao Narcisismo, in: **Obras completas, volume 12**: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____ (1917). O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais, in: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Volume XVI (1916-1917). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1919). Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais, in: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Volume XVII (1917-1919). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1924). O problema econômico do masoquismo, in: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Volume XIX (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1927). Fetichismo, In: **Obras Completas de Sigmund Freud**: Edição *Standard* Brasileira, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LAPLANCHE, J. E PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise**. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

MCDUGALL, Joyce (1978). **Alegato por una cierta anormalidad**. Argentina: Editorial Paidós, 1996.

_____ (1995). **As múltiplas faces de Eros**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____ (1995). **Las mil y una caras de Eros**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2005.

MEZAN, Renato. Que significa "pesquisa" em Psicanálise? In: SILVA, Maria Emilio Lino da (coord.). **Investigação e Psicanálise**, p. 49-89. Campinas: Papirus, 1993.

MIJOLLA, Allain de. **Dicionário Internacional da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2005.

OLIVEIRA, Rui Aragão. O funcionamento perverso da mente. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 42, n. 2. São Paulo, 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486-641X2008000200013&script=sci_arttext]. Acesso em: 07/05/16, às 13:42.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 6ª edição revisada e ampliada. Campinas: Papirus, 2000.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michael. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

VALAS, Patrick. **Freud e a perversão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

VIOLANTE, M. L. V. Pesquisa em Psicanálise. In: **Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise**. Raul Albino Pacheco Filho, Nelson Coelho Junior, Miriam Debieux Rosa (org.). São Paulo: Ed. Educ, 2000.